



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**QUILOMBO (1948/1950): NARRATIVAS E  
ASPIRAÇÕES DO NEGRO EM PÁGINAS CULTURAIS**

**ANA BEATRIZ ROGERIA DOS SANTOS RIBEIRO DA SILVA**

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**QUILOMBO (1948/1950): NARRATIVAS E ASPIRAÇÕES  
DO NEGRO EM PÁGINAS CULTURAIS**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Jornalismo.

**ANA BEATRIZ ROGERIA DOS SANTOS RIBEIRO DA SILVA**

**Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Marialva Carlos Barbosa**

Rio de Janeiro

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Ana Beatriz Rogeria dos Santos Ribeiro da Silva.

Quilombo (1948/1950): narrativas e aspirações do negro em páginas culturais. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),  
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro –  
UFRJ.

Orientador (a): Marialva Carlos Barbosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Quilombo (1948/1950): narrativas e aspirações do negro em páginas culturais**, elaborada por Ana Beatriz Rogeria dos Santos Ribeiro da Silva.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador (a): Prof(a). Dr(a). Marialva Carlos Barbosa  
Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF  
Departamento de Expressão e Linguagens (DEL) - UFRJ

Prof(a). Dr(a). Cristiane Henriques Costa  
Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ  
Departamento de Expressão e Linguagens (DEL) – UFRJ

Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento  
Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura – UFRJ

Rio de Janeiro

2019

## AGRADECIMENTO

Durante o intenso e transformador período da graduação, tive o prazer de ter a amizade e o apoio de muitas pessoas. O sentido da vida está nos encontros e nas experiências que dividimos. Por sorte, só tive encontros lindos. Então, não me faltam motivos para agradecer. Deixo aqui a minha gratidão:

À Nossa Senhora e à Santa Rita de Cássia pela imensa proteção. Mulheres que junto de Deus me deram saúde e esperança para concluir mais esta etapa da minha vida.

Aos meus ancestrais mais próximos, meu avô Mário Ribeiro e minha avó Fantildes Onofre dos Santos, pelo amor desmedido e por terem construído uma família tão linda, que eu tenho orgulho de fazer parte.

À minha mãe Marina Ribeiro e aos meus irmãos Ana Gabriela Ribeiro e João Gabriel Ribeiro, que me ensinam diariamente a sonhar e a acreditar no meu potencial. É uma honra passar por esse mundo ao lado de vocês, meus grandes e eternos amores.

Ao meu pai Rogério da Silva por ter cumprido a sua missão e por cuidar de mim nas estrelas. Estamos ligados além do nome.

A todas as minhas amigas e amigos, que representam os melhores encontros da minha vida. Vocês são luz e inspiração para mim.

Ao Museu Nacional/UFRJ, em especial à Seção de Assistência ao Ensino (SAE), por ter plantado em mim o amor pela educação, pelas culturas e pela ciência. As amizades que fiz nesse espaço são para a vida inteira.

À equipe de Meio Ambiente e à equipe de Comunicação e Desenvolvimento Institucional da Fundação Roberto Marinho, que foram fundamentais para a minha formação profissional. Fico imensamente feliz de ter contribuído durante dois anos com projetos que realmente acredito.

À minha querida professora e orientadora Marialva Barbosa pela prontidão e disposição em sempre ajudar.

“Podemos sorrir, nada mais nos impede  
Não dá pra fugir dessa coisa de pele  
Sentida por nós, desatando os nós  
Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora  
É a nossa canção pelas ruas e bares  
Nos traz a razão, relembrando palmares  
Foi bom insistir, compor e ouvir  
Resiste quem pode à força dos nossos pagodes”  
(Coisa De Pele - Jorge Aragão)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/jorge-aragao/69362/>>. Acesso: 14 de jun. de 2019.

SILVA, Ana Beatriz Rogeria dos Santos Ribeiro da. **Quilombo (1948/1950): narrativas e aspirações do negro em páginas culturais**. Orientador(a): Marialva Carlos Barbosa. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

### RESUMO

Este trabalho analisa as dez edições do jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, entre 1948 e 1950. Apresenta o periódico criado por Abdias Nascimento, para ser porta-voz do Teatro Experimental do Negro (TEN), como um veículo que se tornou referência na imprensa negra ao reconstruir as histórias dos afro-brasileiros a partir de temáticas culturais. O objetivo é refletir sobre o potencial educacional das matérias, bem como seu poder de integrar negros nas diásporas de diferentes países. Para isto, as reportagens, artigos e cartas publicadas nos dez números do jornal foram analisadas. O trabalho também investiga quem eram os jornalistas e colaboradores, qual era o seu público leitor e como o contexto histórico e social do Brasil era abordado. Esses elementos serão norteadores para a definição de cultura negra elaborada pelo jornal e a maneira como ela era utilizada como instrumento de luta antirracista.

**Palavras-chave:** jornal quilombo; jornalismo cultural; cultura negra; teatro experimental do negro.

# SUMÁRIO

## **1. Introdução**

## **2. Jornal Quilombo: teias do tempo**

- 2.1. Dos palcos para as páginas
- 2.2. Uma imprensa adicional?
- 2.3. Organização e características editoriais

## **3. Jornalistas e público: dos produtores aos leitores**

- 3.1. Quem escreve?
- 3.2. Diálogo entre leitores e jornal

## **4. Narrativas e aspirações do negro em páginas culturais**

- 4.1. Outras formas de conhecer o mundo
- 4.2. Tomada de narrativa: a cultura negra como notícia

## **5. Considerações finais**

## **6. Referências bibliográficas**

- 6.1. Fonte primária
- 6.2. Fonte secundária

## **7. Apêndice**

- 7.1. Apêndice A

## **8. Anexo – Galeria de fotos do Quilombo**

- 8.1. Anexo I
- 8.2. Anexo II
- 8.3. Anexo III
- 8.4. Anexo IV
- 8.5. Anexo V
- 8.6. Anexo VI



## 1. Introdução

Falar sobre imprensa negra, significa falar sobre tomada de consciência e tomada de narrativa. A escrita sempre foi um lugar de poder e disputa (BARBOSA, 2010), e para a população negra ainda se configurava como um meio de afirmação de si enquanto indivíduos pensantes e sensíveis. A objeção em associar negros e negras ao sensível, à erudição e às expressões artísticas são os mais complexos estigmas construídos nos tempos da escravidão a serem modificados. Nosso intelecto não existia e nossos corpos eram apenas ferramentas de força para o trabalho. Fazer o negro ocupar um outro lugar na sociedade, no qual o ímpeto criativo fosse seu principal talento, não foi fácil, e pode-se dizer que, no Brasil, Abdias Nascimento tenha sido fundamental para este processo de mudança de percepção e paradigma.

A idealização do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944, diversificou as formas de luta e apropriação da cultura negra como instrumento de transformação. Com as formações de atores e atrizes, roteiristas e diretores, uma gama de possibilidades de ser negro no âmbito artístico foram inauguradas. Nascimento acreditava que além de resistir, a população negra também tinha o direito de viver em plenitude, gozando das emoções e prazeres que as expressões culturais podiam e ainda podem trazer.

No entanto, a cultura popular negra se faz na coletividade. No Brasil, foi assim que ela conseguiu ser preservada. Então, com o ideal de compartilhar o ofício da arte teatral com o ofício das letras que, em 1948, o jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* foi criado para ser o porta-voz do TEN, e para ocupar espaços de expressão e diálogo que ultrapassem os palcos e atingissem um maior número de pessoas. Durante seus dois anos de atuação e dez números publicados, o *Quilombo* divulgou produções dramatúrgicas, literatura, música, cinema e poesia a fim de ressignificar a história do Brasil, colocando a comunidade negra como autora e protagonista. É a partir deste ineditismo do *Quilombo*, em narrar os problemas e as aspirações dos afro-brasileiros, e demais diásporas africanas, por temáticas culturais que este trabalho se debruçará.

A pesquisa investigará o potencial da cultura como modos de luta, educação e reconstrução da memória da comunidade negra brasileira. Assim como Petrônio Domingos (2008), utilizaremos a metodologia de análise das narrativas das publicações do periódico de 1948 a 1950, junto de revisões bibliográficas, com o intuito de compreender as estratégias

discursivas que foram empregadas, bem como as técnicas de aproximação com o leitor e identificação do público alvo.

Além disso, o estudo se propõe a refletir sobre o esforço do jornal para uma possível integração e compartilhamento de saberes entre os negros. A princípio no âmbito nacional, ao ser um periódico com distribuição em todo o país, que abordava em suas matérias os diferentes modos de vida dos afro-brasileiros do sul, em relação aos que viviam no Distrito Federal, nesta época, ainda localizado no Rio de Janeiro. Mas também há a proposta por uma integração internacional. As assinaturas para estrangeiros, assim como a inserção de jornalistas e colaboradores de outras nacionalidades, por exemplo franceses e norte-americanos, serão encaradas como indícios de uma tentativa de estreitamento com comunidades negras transnacionais, que além de um intercâmbio cultural, poderiam fornecer apoio e reconhecimento intelectual para os afro-brasileiros que ainda engatinhavam na elaboração de artefatos teóricos.

Esta pesquisa será composta por três etapas, que traçarão os aspectos históricos, técnicos e culturais do periódico. Para entender a sua linguagem e, até mesmo as pautas que eram abordadas, será feito um panorama histórico da situação política e social do Brasil do fim da década de 1940, a fim de construir um suporte para os pressupostos que serão discutidos posteriormente. Este levantamento estará no primeiro capítulo. Roger Bastide (1991) e Bernardo Kucinski (2003) serão os autores utilizados como base para uma possível classificação do periódico.

Entendendo o jornal como uma extensão do pensamento das pessoas que o produziam e o retorno de seus leitores, o segundo capítulo procura desvendar o corpo de jornalistas do jornal que, junto de Abdias Nascimento, construíram o estilo narrativo e o tom reflexivo das matérias. Ainda identificaremos como era realizada a inclusão desses colaboradores e quais posicionamentos eram bem recebidos. Nesta etapa, também procuramos distinguir quem eram os potenciais leitores e de que forma o *Quilombo* os mobilizavam. As cartas enviadas à redação serão norteadoras dos possíveis impactos do periódico na sociedade da época. A historiadora Marialva Barbosa (2010) será a referência teórica para esta reflexão.

O terceiro capítulo será inteiramente focado na temática cultural. O que o *Quilombo* entendia por cultura? Quais produções artísticas eram abordadas? Por que o periódico acreditava ser de suma importância a divulgação cultural para os afro-brasileiros? Esses questionamentos serão abordados e, certamente, suscitaram novas perguntas. Nesta parte,

também serão analisadas as colunas que, pelo senso comum, eram entendidas como expressões artísticas, como o teatro, cinema e música. Estas últimas análises tentam explicar o método do *Quilombo* de utilizar a cultura para a conscientização política e cultural e como estes assuntos também podiam ser entendidos como notícia qualificada, tanto quanto os conteúdos factuais da imprensa tradicional.

Finalmente, é importante frisar que a medida em que a pesquisa traça a trajetória do periódico, também reconta a história das pessoas que ilustravam suas páginas. Interpretar o processo de elaboração de conteúdo e o reconhecimento social da cultura negra, também diz muito sobre a parcela dos afro-brasileiros que se uniram para viver daquilo que a motivava: a arte. Abdias Nascimento foi um homem de muitas aptidões artísticas, de poeta à pintor e decidiu fazer dos seus ofícios de vida, sua luta. O *Quilombo*, assim como Teatro Experimental do Negro foram mais do que iniciativas de enfrentamento, mas uma esperança para aqueles que queriam ser enxergados como cidadãos, mas também como artistas.

Em particular, conhecer toda a trajetória de Abdias Nascimento e o seu pioneirismo como produtor, escritor e intelectual, também foi uma luz de esperança para mim. Eu, que cresci fazendo aulas de dança, escrevendo poesias e visitando museus, sentia que a arte poderia ser transformadora, pois ela me transformava diariamente. Apesar disso, conforme fui criando consciência do racismo e das contradições sociais, ainda quando criança, pelas histórias que minha mãe contava, o sofrimento pela injustiça foi tomando conta de mim. Sentia que não havia tempo para se preocupar com arte ou querer viver de poesia, afinal de contas, o meu povo estava morrendo. Até que conheci Abdias Nascimento, já no fim da faculdade. Mesmo com as contradições que atingem a vida de quase todas as pessoas, Nascimento me ensinou que arte não é futilidade, que criação negra significa vontade de vida e, sobretudo, que a luta antirracista pode acontecer de diversas formas, inclusive nas artes.

## 2. Jornal Quilombo: teias do tempo

Este primeiro capítulo se propõe a fazer uma breve apresentação do jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* (1948-1950) e do cenário político/social dos anos 1940, década de sua criação. O objetivo é analisar qual era a função do periódico, que inicialmente surgiu como um conteúdo anexo do Teatro Experimental do Negro (TEN) - companhia teatral brasileira idealizada pelo escritor e artista Abdias do Nascimento, de 1944 a 1961 - e depois construiu vida própria, atuando como instrumento de denúncia a discriminação racial e, por outro lado, servindo como meio de sociabilidade para a classe média negra brasileira.

A partir dos conceitos de “imprensa adicional” e “imprensa alternativa”, definidos por Roger Bastide (1983) e Bernardo Kucinski (1991), respectivamente, refletiremos em torno das duas conceituações para verificar se o *Quilombo* pode ser definido como imprensa “alternativa” ou “adicional”, levando em conta a negatividade presente no termo adicional e a especificidade do jornalismo enquadrado como alternativo, surgido no contexto da ausência de liberdade de imprensa, nos anos da ditadura militar brasileira. O fato é que o *Quilombo* se distingue e podemos mesmo considerar que inaugura uma nova forma de produção de conteúdo na imprensa negra, como afirma Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2003).

O contexto histórico brasileiro servirá de suporte para explicar o posicionamento do jornal e as narrativas propostas por seus jornalistas e colaboradores. Inserir as temáticas abordadas pelo noticiário em relação aos problemas da sociedade brasileira na década de 1940 será importante para analisarmos conceitos que, com o tempo, adquiriram novos sentidos como, por exemplo, “democracia racial”, difundido pelo sociólogo Gilberto Freyre e muito utilizado e discutido pelo *Quilombo*. Todos os itens expostos acima de serão alicerces para evidenciar a vida no negro brasileiro entre os anos de 1948 e 1950 e a forma que o periódico cooperou para a sua inserção na sociedade.

### 2.1. Dos palcos para as páginas

Inspirado pelos ideais de nação com a primeira chegada de Getúlio Vargas à presidência, em 1930<sup>2</sup>, o Brasil iniciou um intenso processo de construção da cultura popular brasileira como símbolo nacional. A edificação de um país miscigenado motivava intelectuais, cientistas e artistas a buscarem uma identidade una e que se constituía como uma espécie de fator singular do cidadão brasileiro. Daniela Roberta Antônio Rosa aponta que este cenário favoreceu “algumas manifestações culturais de origem negra, tidas antigamente como negativas e até símbolos e causadoras do atraso brasileiro, passaram a ser pesadas como expressão de brasilidade” (ROSA apud CUNHA, 2012, p. 284). Embora a historiografia marque este período como uma época propícia para a exaltação dos costumes nacionais, a partir de 1937, foi instaurada a fase mais autoritária da Era Vargas, o Estado Novo, no qual todos os produtos intelectuais deviam sujeitar-se à aprovação das repartições administrativas do governo, num claro recrudescimento da censura.

Contrapondo-se ao regime instaurado, tal qual em outras épocas, o teatro serviu como dispositivo político (CUNHA, 2012). A partir de questões intrínsecas ao negro, Abdias do Nascimento idealizou o Teatro Experimental do Negro, a fim de transformar o afro-brasileiro como protagonista de suas próprias narrativas teatrais e sociais.

No início da década de 1940, Abdias do Nascimento empreendeu uma mobilização pela criação de um grupo de teatro negro, para protestar contra a exclusão do afro-descendente dos palcos brasileiros ou contra sua inclusão marginal, em papéis coadjuvantes, grotescos ou caricaturas (NASCIMENTO apud DOMINGUES, 2008, p. 262).

Após reuniões preparatórias com os colaboradores e também artistas Aguinaldo Camargo, Wilson Tibério, Teodorico dos Santos e José Herbel, em 13 de outubro de 1944, nasceu oficialmente o Teatro Experimental do Negro (TEN). O grupo adquiriu uma função ampla de atuação no campo social, político e intelectual da comunidade negra. Além das atividades culturais, de acordo com Petrônio Domingues (2008) a companhia foi responsável por cursos de alfabetização; criou o Instituto Nacional do Negro (INN), um departamento de estudo e pesquisa sob os cuidados do sociólogo afro-brasileiro Guerreiro Ramos; colaborou

---

<sup>2</sup> Em 1930, com apoio dos militares, Getúlio Vargas iniciou o seu governo. Marcado por ser o mais longo mandato presidencial da história do Brasil, o período durou 15 anos. A Era Vargas foi constituída por 3 fases: de 1930 a 1934, como chefe do “Governo Provisório”; de 1934 a 1937, como presidente da república do Governo Constitucional; e de 1937 a 1945, como ditador durante o Estado Novo, implantado após um golpe militar. (JÚNIOR, Marcos. Governo de Getúlio Vargas - Primeiro e segundo mandato. 27 de fev. de 2013. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/governo-de-getulio-vargas-primeiro-e-segundo-mandato/>>. Acesso em: 25 de nov. de 2018)

com a Convenção Nacional do Negro, em 1945-1946; organizou a Conferência Nacional do Negro, em 1949, e o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, em 1950, reunindo intelectuais como Edson Carneiro, Darcy Ribeiro e Roger Bastide (DOMINGUES, 2008).

O jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* surge como mais um fruto do Teatro Experimental do Negro (TEN). Conforme o subtítulo indica, o periódico tinha a função de divulgar em suas páginas os ideais já desenvolvidos pelo TEN e de ser “um instrumento em defesa do negro, a fim de lhe garantir o ‘direito ao Direito’” (DOMINGUES, 2008, p. 262). Ao todo, foram lançados dez números, de 1948 a 1950, com edições cujo número de páginas variavam entre 8 e 12.

A primeira edição do periódico foi publicada em 9 de dezembro de 1948, com direção de Abdias do Nascimento, a quem ainda dedicaremos reflexões neste trabalho. O *Quilombo* estreou trazendo traços diferenciados dos antigos jornais da chamada imprensa negra (GUIMARÃES, 2003). Muito semelhante aos noticiários negros americanos e franceses, o periódico trazia consigo a percepção de temas cotidianos, com discussões sobre música, cinema, teatro e poesia feitos no Brasil por negros presentes no mercado artístico e em diálogo com intelectuais brancos e negros, nacionais e internacionais.

Imergido nas crenças de sua época, Nascimento enxergava no momento político uma fresta de esperança para a população negra e excelente oportunidade para a criação de veículo comunicacional de integração. Em 1948, o Brasil estava há poucos anos livre da ditadura Vargas. Sob o governo de Eurico de Gaspar Dutra, junto a recém promulgação de uma nova constituição e o restabelecimento das eleições para governadores, deputados estaduais, prefeitos e vereadores, o líder do *Quilombo* “não ocultava seu otimismo quanto à fase democrática que o País atravessava. Acreditava que a consolidação dos dispositivos democráticos beneficiaria a inserção da população negra no projeto de desenvolvimento nacional” (DOMINGUES, 2008, p. 262).

Neste período, o conceito de democracia racial atingia o auge e acreditava-se que seu êxito estava inteiramente ligado ao progresso da nação. Pensadores como Gilberto Freyre ganhavam prestígio nacional e seus escritos eram fortemente propagados pela comunidade intelectual brasileira. O jornal *Quilombo* não ficou de fora desse debate. Sendo composto por uma polifonia de vozes (DOMINGUES, 2008), o noticiário abordava a temática de forma diversa. O próprio Freyre foi o primeiro a disseminar o discurso desse gênero nas páginas do *Quilombo*, na coluna “Democracia Racial”, em 1948. Ele escrevia que “no Brasil vem se definindo uma democracia étnica contra a qual não prevaleceram até hoje os

esporádicos arianismos ou os líricos, embora às vezes sangrentos melanismos que, uma vez por outra, se têm manifestado entre nós”.<sup>3</sup>

Em outra edição, no editorial, Abdias do Nascimento seguia a mesma linha de raciocínio, no entanto, assinalava que esta era uma condição porvir: “somente num grande e árduo trabalho coletivo, presidido pelo alto espírito de fraternidade racial que orientou a nossa formação histórica, conseguiremos realizar a obra dessa valorização do negro.”<sup>4</sup>. Para Petrônio Domingues, no periódico, Nascimento defendia um futuro harmonioso entre as “raças” como possibilidade de o negro ratificar sua identidade nacional. “Em vez de separatista, a perspectiva era integracionista. O afro-brasileiro deveria ser, efetivamente, incorporado ao seio da nação e não se sentir um exilado em sua própria terra” (DOMINGUES, 2008, p. 262). Sobre a atual situação do Brasil - no fim da década de 1940 - Abdias do Nascimento firmava seu posicionamento contrário ao senso comum, segundo o qual não havia problema racial no país e que negros e brancos viveriam, no Brasil, em estado de fraternidade e conagração (DOMINGUES, 2008, p. 262). A existência do Teatro Experimental do Negro e o jornal *Quilombo* justamente serviam ao combate antirracista.

A possibilidade de articulação de temas por meio de distintos pontos de vistas, forte marca do *Quilombo*, se dava pelo caráter diplomático de Abdias do Nascimento. Ainda com o intuito de construir outras pontes de diálogo, em 1950, Nascimento lançou sua candidatura a vereador do Rio de Janeiro, pelo Partido Social Democrático (PSD), no entanto a mesma foi cancelada. Juntando seus conhecimentos de escritor, poeta, teatrólogo, político e ativista, foi possível passar do Teatro Experimental do Negro sua forma singular de expressar artisticamente as vivências do negro brasileiro e a lucidez encarada nas denúncias de segregação diária para as páginas do recém-criado jornal *Quilombo*.

## 2.2. Uma imprensa adicional?

No *Quilombo* as notícias tinham outras funções para além de informar. Levando em consideração de que os negros letrados liam os jornais mais tradicionais para se atualizarem da situação geral do país, o *Quilombo* buscava levar a seus leitores outras questões. Em todas as dez edições era comum encontrar textos e até colunas inteiras sobre uma série de eventos ligados à vida social dos indivíduos da comunidade negra, como, por exemplo, aniversários,

---

<sup>3</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, dezembro de 1948, p.8.

<sup>4</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, março/abril de 1950, p.1.

formaturas e bailes.<sup>5</sup> Roger Bastide define este tipo de abordagem como uma característica da imprensa adicional. Ainda de acordo com o autor, este traço é marcante nos periódicos da imprensa negra nacional e internacional, como pode-se notar no fragmento:

Pudemos ter em mãos exemplares de jornais norte-americanos e uruguaios; sentem-se neles preocupações comuns, do Norte ao Sul do continente. Em primeiro lugar, raramente é uma imprensa de informação: o negro letrado lê o jornal dos brancos; é uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação dos fatos relativos à classe da gente de cor. Os norte-americanos acharam um termo que define muito bem: é uma imprensa adicional (BASTIDE, 1983, p. 130).

O impulso pela educação e aprendizado dos leitores sobre dados históricos referentes à ancestralidade negra é outro aspecto da imprensa adicional. A este quesito, o jornal *Quilombo* corresponde com exatidão. Dentre as colunas presentes no periódico, havia a “Negros da História”, que se dedicava a narrar os feitos de personalidades célebres da resistência afro-brasileira. A edição de número dois, publicada em 9 de maio de 1949, relembra a vida do advogado e jornalista Luiz Gama, por exemplo. Com título “Luiz Gama, herói e santo da abolição”, a matéria, sem assinatura, resgata a importância do homem que comprou sua própria alforria e ajudou mais de 500 negros a também deixarem suas condições de escravizados.<sup>6</sup> Esse movimento propõe aos leitores uma oportunidade de conhecimento do período pré-abolição do Brasil a partir de pessoas que normalmente não são citadas na história oficial. Assim, o *Quilombo* ressignificava a história, a fim de inserir o negro como protagonista.

Petrônio Domingues também levanta a possibilidade de classificar o periódico de Nascimento como parte da imprensa alternativa. De acordo com a definição proposta por Bernardo Kucinski, a nomenclatura de imprensa alternativa no Brasil está ligada aos veículos que vão de encontro aos ideais políticos dominantes e que, desde sua origem visam “a articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de esforços alternativos à grande imprensa e à universidade” (KUCINSKI, 1991, p. 6).

A descrição de imprensa alternativa proposta por Domingues que, segundo ele, corresponde ao jornal *Quilombo* é a que expõe que “os jornais alternativos construíam um sinal de ascensão dos indivíduos de uma classe. Nesse sentido, é possível aventar que *Quilombo* também indicava o desejo de visibilidade - mobilidade social e projeção no

<sup>5</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, março/abril de 1950. p. 2; junho de 1949, p.4.

<sup>6</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, maio de 1950. p.1 - 3.



cenário nacional - dos negros aglutinados no TEN” (DOMINGUES, 2008, p. 262). No entanto, em termos conceituais, o grupo identificado pelo jornal *Quilombo* abriga mais especificidades do que apenas intelectuais, artistas e universitários contrários ao sistema econômico. Dessa forma, pode-se acreditar que a possível diferença entre a imprensa negra e o conceito de imprensa alternativa definido por Kucinski seja a intencionalidade do produto comunicativo.

O Abdias do Nascimento aponta como prioridades de o *Quilombo* “promover, de um lado, a denúncia dos equívocos da alienação dos chamados estudos afro-brasileiros, e fazer com que o próprio negro tomasse consciência da situação objetiva que se achava inserido”. (NASCIMENTO apud CUNHA, 2012, p. 285). Ou seja, é notório que o desejo de incorporar a comunidade negra às demandas sociais e, principalmente, com os mesmos direitos que eram conferidos aos brancos aponta-se como finalidade do periódico, fato que não condiz com a intencionalidade da imprensa alternativa descrita por Bernardo Kucinski, como: um instrumento de confronto ao sistema dominante no campo permanente da tentativa de construção de uma contra hegemonia. Somado a isso, Domingues, em outro momento, também ressalta que, “O jornal (*Quilombo*) aproveitava as denúncias dos casos de ‘preconceito de cor’ para reforçar a concepção, segundo qual, o problema do negro no Brasil tinha natureza racial, fundamentalmente, e social, secundamente. Nesse sentido, os negros eram vítimas de racismo independentemente de sua condição social” (DOMINGUES, 2008, p. 279).

A comercialização é outra questão delicada para o modelo ético-político da imprensa alternativa. De acordo com Kucinski, um componente considerado básico é “o repúdio ao lucro e, em alguns jornais, até mesmo o desprezo por questões de administração, organização e comercialização.” (KUCINSKI, 1991, p. 12). Esta premissa também diverge do posicionamento do *Quilombo*. A partir da publicação do segundo número, foi instaurado um organizado sistema de assinaturas para todo o Brasil - que será analisado no próximo capítulo.

Com base nas evidências, talvez possamos classificar o jornal *Quilombo* como uma imprensa adicional, tal como preconizava Bastide, já que de forma alguma desmerece ou rejeita o conteúdo exposto e divulgado pelo veículo, pelo contrário. Daniela Roberta Antônio Rosa afirma:

Como um instrumento que prefaciou através de seus textos e ao longo de seus dois anos de existência, grande parte da parte de ação proposta pelo Teatro Experimental do Negro. Ele desempenhou o papel de colocar parte

dos termos que envolviam o debate da questão racial no Brasil. (ROSA apud CUNHA, 2012, p. 295).

Cabe, entretanto, algumas ponderações em relação ao conceito preconizado por Bastide. Imprensa adicional carrega na sua própria enunciação a ideia de algo que se adiciona a outro já existente (no caso a imprensa tradicional) que desempenharia o papel principal. Como uma espécie de adendo, a imprensa adicional complementar a anterior, sendo, assim, por definição menor. Tendo em vista a intencionalidade do jornal *Quilombo* e sua expressão comunicacional no momento de sua produção (anos 1940) talvez fosse mais coerente qualificá-lo como uma imprensa da cultura negra no Brasil.

Abrir espaço para textos que não estão diretamente relacionados ao factual inaugurou na imprensa negra uma nova possibilidade de diálogo com os leitores. Guimarães ainda acrescenta que “talvez o mais importante motivo dessa diferença tenha sido a sua inserção e sintonia cultural brasileiro e internacional” (GUIMARÃES apud MUNANGA & GOMES, 2006, p. 122). Ou seja, voltar-se para textos mais identificados com o jornalismo literário e cultural não significa esvaziar o conteúdo de informação de qualidade. Guimarães (2003) também ressalta que anos à frente, em 1968, com mais exatidão, Abdias do Nascimento dirá que as publicações do *Quilombo* são a primeira manifestação erudita de “cultura negra” no Brasil. No entanto, o autor pondera que:

não era isso que estava sendo buscado conscientemente pelos intelectuais negros que mobilizaram os ideais de ‘democracia racial’. Naquele momento, eles acreditavam poder definitivamente vencer o conservadorismo das elites políticas e culturais para estabelecer, em definitivo a redenção do povo negro (GUIMARÃES, 2003, p. 267).

### **2.3. Organização e características editoriais**

Em formato de tablóide, o *Quilombo* “apresentava uma composição gráfica de boa qualidade para a época. As páginas eram compostas de muitas imagens intercaladas aos textos” (DOMINGUES, 2008, p. 264). A partir da quarta edição, os jornais passaram a ter uma fotografia em destaque ocupando mais de 50% da primeira página. Todas as imagens homenageavam mulheres negras, que, na maioria das vezes, eram atrizes, figuras importantes para a comunidade preta ou vencedoras de concursos de beleza negra. Fazendo referência à foto da primeira página, dentro do jornal havia um box intitulado “NOSSA CAPA” que explicava ao leitor quem era a mulher exibida na foto. No periódico de número

quatro, por exemplo, Ruth de Souza foi a homenageada escolhida. O box explicativo tinha o texto:

Hoje prestamos nossa homenagem a uma das figuras mais relevantes da cena brasileira - Ruth de Souza, principal elemento feminino do Teatro Experimental do Negro, onde, com a sua sensibilidade vem logrando conquistar os mais calorosos aplausos da crítica, unanime em reconhecer-lhe extraordinários dotes interpretativos, marcando tôdas as suas performances com o vigor e o brilho do seu talento [...] (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1949, p. 3).

A escolha por esta diagramação, fazia com que a aparência do periódico remetesse a capa de uma revista, como podemos observar na imagem abaixo:

**Imagem 1 - Primeira página do Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro de nº 9**



Fonte: Acervo digital do IPEAFRO - Instituto de Pesquisas Estudos Afro-Brasileiros.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no09/>>  
Acesso em: 25 de abr. de 2019.

A periodicidade<sup>8</sup> do *Quilombo* era predominantemente mensal, embora encontremos uma irregularidade da primeira para a segunda edição e da quarta para a quinta. Nos seus primeiros cinco números, o *Quilombo* publicava um box de posicionamento e objetivos do jornal, com um subtítulo explicativo, que endossava o que já havia sido sinalizado anteriormente como diretrizes do periódico: “Trabalhar pela valorização do negro brasileiro em todos os setores: social, cultural, educacional, político, econômico e artístico.”<sup>9</sup> Logo a abaixo, eram enumerados os objetivos a serem cumpridos para que a missão do jornal fosse alcançada:

- 1 – colaborar na formação da consciência de que não existem raças superiores nem servidão natural, conforme nos ensina a teologia, a filosofia e a ciência;
- 2 – esclarecer ao negro de que a escravidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não devendo, por isso, constituir motivo para ódios ou ressentimentos e nem para inibições motivadas pela cor da epiderme que lhe recorda sempre o passado ignominioso;
- 3 – lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares;
- 4 – combater os preconceitos de cor e de raça e as discriminações que por esses motivos se praticam, atentando contra a civilização cristã, as leis e a nossa constituição;
- 5 – pleitear para que seja previsto e definido o crime da discriminação racial e de cor em nossos códigos, tal como se fez em alguns estados de Norte-América e na Constituição Cubana de 1940 (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, p. 3).

Ao analisar a lista de anseios, é possível perceber reivindicações contemporâneas de coletivos negros, que já nos anos 40 faziam parte das aspirações da população negra. O terceiro tópico, por exemplo, diz respeito ao acesso especial para afro-brasileiros à instituições de ensino. A medida que anos há atrás já era pensada por Abdias do Nascimento e seus colaboradores só foi reconhecida e implementada em agosto de 2012, a partir da Lei nº 12.711, que obriga todas as universidades e institutos federais de ensino superior, além dos institutos federais de nível médio, a instituir uma reserva de 50% do total de vagas do vestibular para estudantes da rede pública de ensino, baixa renda e pretos ou pardo, a chamada Lei de Cotas. O tópico quinto foi conquistado tal qual descrito no box décadas

---

<sup>8</sup> Datas das edições: (1ª. edição, dezembro de 1948; 2ª. edição, maio de 1949; 3ª. edição, junho de 1949; 4ª. edição, julho de 1949; 5ª. edição, janeiro de 1950; 6ª. edição, fevereiro de 1950; 7/8ª. edição, março/abril de 1950; 9ª. edição, maio de 1950; 10ª. edição, junho/julho de 1950).

<sup>9</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, p.3.

antes, mas ainda assim tardio, pelo projeto de Lei nº 7.716, em janeiro de 1989, que determina a pena de reclusão a quem tenha cometido atos de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Também do primeiro ao quinto número, acima do box que apresentava os propósitos do jornal, havia um quadro de informações administrativas, onde era possível encontrar o valor, dados sobre assinatura, nomes da direção e dicas para os colaboradores. No primeiro número, o quadro era composto da seguinte forma:

Diretor-responsável: Abdias do Nascimento; redação e administração: Rua Álvaro Alvim, 33-7, sala 711; número avulso no Rio de Janeiro: Cr\$ 1,00. Nos demais estados: Cr\$ 1,50; número atrasado: Cr\$ 2,00. Assinatura anual (12 números) para estrangeiros: 5 dólares (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, p. 3).

Durante seus dois anos de existência, o jornal teve quatro ajustes em relação aos dados administrativos. O Rio de Janeiro deixa de ter um preço especial e as edições passam a custar Cr\$ 1,50, como nos outros estados. A partir do sétimo número, o valor do *Quilombo* é reajustado para Cr\$ 3,0, em todo o país, com edição atrasada custando Cr\$ 5,00; e assinatura anual (24 números) Cr\$ 80,00. Somente a assinatura anual (24 números) para estrangeiros continua com o mesmo valor, de 5 dólares. Em referência a direção, do segundo número em diante, começa a ser registrado os cargos de “Diretor-gerente” e “Diretor-secretário”, ocupados por João Conceição e Maria de Lourdes Vale Nascimento, respectivamente. Na quinta edição, a função de “Diretor-secretário” é extinta e Maria de Lourdes assume o cargo de Diretor-gerente. A medida foi tomada por conta da saída de João Conceição, que deixava o cargo para tornar-se um repórter corresponde em um jornal da imprensa americana. A transferência foi informada pelo Quilombo aos leitores:

Deixou as funções de diretor-gerente de QUILOMBO o sr. João Conceição que continua, porém, a emprestar sua colaboração a este periódico na qualidade de um dos seus colaboradores efetivos. O sr. João Conceição é o correspondente, no Brasil, do “The Pittsburg Courier”, dos Estados Unidos. Desejamos-lhe pleno êxito em suas novas tarefas (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1950, p. 2).

Outra alteração foi a da sede do jornal, que deixou de ser na Rua Álvaro Alvim, passando a ser na Rua Myrink Veiga, também no centro do Rio de Janeiro. Importante

pontuar que as edições do *Quilombo* eram compostas e impressas nas Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil.

A publicidade também estava presente nas páginas do jornal. A partir do *Quilombo* de número dois, todos os números publicados continham boxes ou páginas inteiras de propaganda. Dentre os anunciantes estavam marcas de medicamentos, purificadores de água, serviços de tinturaria, conserto de rádios elétricos e restaurantes. O destaque fica para as propagandas do S.E.S.C. Não se pode afirmar, mas pelo espaço destinado à empresa de serviços médicos para comerciários, de até duas páginas por edição, é plausível sugerir que ela era a principal patrocinadora do periódico. No texto publicitário, o S.E.S.C. explicitava de forma clara quem era o seu público alvo e, conseqüente, quem eram os leitores do periódico, a partir da chamada: “E não te esqueças: o Sesc nada te custa, teu empregador o mantém em teu benefício e no de tua família.”<sup>10</sup> Vale ressaltar que, o *Quilombo* era sustentado por meio da ajuda financeira de seus colaboradores, o lucro da venda dos exemplares e os anúncios.

Do ponto de vista editorial, a temática cultural está presente em quase todas as colunas permanentes do jornal, sendo elas: Livros, Cinema, Música, Rádio, Escolas de Samba, Tribuna Estudantil, Fala a Mulher, Negros na História, Cartaz, Democracia Racial, Sociais, Pelourinho e notícias do Teatro Experimental do Negro. Dentre as não fixas, mas que apareciam com certa regularidade estão: Poesia, Arquivo, Economia e Cartas. Seguindo a linha de posicionamento do periódico, as colunas, a partir de sua particularidade e recorte, prioriza a vida do negro brasileiro.

Explorando algumas dessas colunas, observamos que a de “Livros”, apresenta livros de escritores negros aos leitores. Em geral, os textos eram compostos por uma sinopse com - o intuito de instigar a leitura - e um breve contexto sobre a criação da obra. O diferencial é que os livros apresentados não se restringiam a literatura de autores brasileiros. No sexto número do *Quilombo*, por exemplo, foi exibido o livro “As memórias de Joséphine Baker”, biografia da ilustre atriz e cantora do início do século XX, mais conhecida como Vênus Negra, e escrita pelo jornalista francês, Marcel Sauvage. Este aspecto da editoria ressalta o caráter integracionista de Abdias do Nascimento, que fez do jornal um grande canal de aprendizagem da cultura negra internacional para os afro-brasileiros.

A coluna “Arquivo”, não esteve presente em todas as edições, mas na sua edição eventual salientava uma característica do *Quilombo*: mostrar ao leitor que os problemas

---

<sup>10</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, 4 de jul. de 1949, p. 8.

referentes ao racismo estavam presentes no dia a dia do país inteiro e que não era apenas uma questão para a população negra (CUNHA, 2013). Para tal, foram republicadas seis matérias, a maioria de jornais e revistas da chamada grande imprensa, como O Cruzeiro, O Jornal, Globo e outros, e assinadas por Rachel de Queiroz, Origenes Lessa, Guerreiro Ramos, Daniel Rops, George S. Schuyler e Di Cavalcante. Vale destacar o artigo que inaugurou a coluna, publicado originalmente na revista O Cruzeiro, em maio de 1947. De autoria da romancista Rachel de Queiroz, a primeira coluna revela atos racistas em instituições renomadas do Rio de Janeiro. O texto questiona as autoridades brasileira em um veículo de grande circulação e tradicional de comunicação, com mais alcance que o *Quilombo*:

Será que por ausência de preconceito que quase nenhuma das ordens religiosas existentes no Brasil recebe pessoas de cor no seu seio – salvos como leigos, que dizer, como criados? E que os colégios grã-finos não aceitam alunos ou alunas de cor? E que a Light (e o governo fecha os olhos ante isso) não admite telefonistas de cor? E que nenhuma loja das ditas elegantes daqui do Rio, de São Paulo e de outras capitais, emprega vendedores de cor? Já viu manicuras e cabeleireiras de cor nos salões de beleza de luxo? Leu no livro de Mário Filho o que foi a batalha para se introduzirem jogadores negros nos clubes de futebol carioca? Sabe que nenhum bar da área atlântica, em Copacabana, permite que se sente às suas mesas algum freguês de cor? E que a restrição era feita no cassino – e ainda é feita em certas “boites” ou cabarés de alta sociedade? E que tanto o hotel Serrador como outras hospedarias de alto bordo adotam como linha de conduta não tolerar hóspedes de cor... [...] Se isso não é discriminação racial – e, mais grave ainda, discriminação admitida e amparada pelo governo – que nome lhe daremos? (QUILOMBO. Rio de Janeiro, dezembro de 1948, p. 2).

No final do trecho destacado, percebemos que a autora questiona posicionamentos expostos no próprio *Quilombo*, como o da já citada coluna “Democracia Racial”. No periódico de Abdias Nascimento isso era possível. A constante “polifonia de vozes” (BAKHTIN, 1997) presente no *Quilombo* foi notável nos dez números do jornal. No próximo capítulo, iremos personificar essas vozes e analisar como cada colaborador contribuiu para o segmentado público do periódico.

### 3. Jornalistas e público: dos produtores aos leitores

As temáticas e abordagens inseridas no jornal *Quilombo* revelam individualidades e vivências das pessoas que o produziam. Neste terceiro capítulo, iremos nos debruçar sobre os jornalistas e colaboradores que junto de Abdias Nascimento, construíram as narrativas, enquadrando-as editorialmente, e elaboraram o posicionamento político do jornal ao longo dos seus dois anos de atuação. Ao investigar a representatividade presente no periódico por meio de seus autores, será possível discutir em quais aspectos o *Quilombo* se enquadra na definição de “imprensa negra” proposta por Ana Flávia Guimarães Pinto (2010), visto que encontraremos um jornal composto, em sua maioria, por homens negros, mas com enorme participação de brancos, bem como de intelectuais franceses e americanos.

Além da relevância no que diz respeito à análise das narrativas, compreender as origens dos jornalistas e colaboradores, também nos auxiliará a entender a quem elas eram dirigidas. Os leitores são peças-chaves para analisarmos de que forma esse jornal circulava na sociedade brasileira do fim na década de 1940 e como o público negro o recebia. Levando em consideração que, neste período, o Brasil contava com uma população predominantemente rural, com taxa de 56,1% de analfabetismo, de acordo com o Censo<sup>11</sup> realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Conseqüentemente, o contexto nacional servirá de pano de fundo para a compreensão da relação do negro com a leitura e como indivíduo atuante na produção de conteúdo jornalístico.

O estilo redacional e estratégias editoriais para atingir os leitores também serão analisados. Pelas profissões que se somam a de jornalista, observa-se, a supremacia de colaboradores ligados às áreas das artes cênicas e literárias. Os aspectos narrativos e o predomínio de temas culturais serão mais aprofundados, entretanto, no próximo capítulo.

Neste capítulo – para desvendar quem são os jornalistas e quais apropriações e reinterpretções o jornal recebia do seu público real – utilizamos a mesma metodologia aplicada por Marialva Barbosa (2010), que servirá, sobretudo, de base para a categorização dos jornalistas.

---

<sup>11</sup> IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>> Acesso em: 14 de mai. de 2019.



### 3.1. Quem escreve?

A equipe de jornalistas e colaboradores que escreviam para o *Quilombo* era bastante diversa em relação à classe social, raça e origem. Analisando os periódicos, observa-se duas formas de atuação da chamada política de colaboração do jornal, descrita por Petrônio Domingues (2008) - que servia para determinar como e quais pessoas poderiam contribuir textualmente para o *Quilombo*. A primeira, e mais evidente, ficava descrita no box de informações administrativas, já citado anteriormente. Em diálogo com os leitores, a direção do jornal informava os procedimentos a serem cumpridos pelos aspirantes a parceiros: “As colaborações devem ser remetidas a esta redação datilografadas, de um só lado do papel, não se devolvendo os originais não publicados.”<sup>12</sup>

Exclusivamente, na primeira edição, também havia um pequeno box solicitando aos leitores que enviassem denúncias cotidianas de racismo, mas, neste caso, sem preocupação com o texto ou formatação, era apenas necessário que o caso fosse comprovado: “QUILOMBO pede que lhe sejam enviadas reclamações, queixas, etc., sobre preconceito e discriminação de côr, exigindo para registro a prova autêntica do fato”<sup>13</sup>. Seguindo o princípio da imprensa negra de que os jornais também deveriam ser um espaço de identificação e, por tanto, um ambiente de construção coletiva (PINTO, 2010), pode-se constatar que no *Quilombo* os leitores tinham a função de colaborador, a medida que o próprio jornal se mostrava como um canal de incentivo ao diálogo e cooperação com o público, através de suas próprias páginas.

Ao observar os nomes dos jornalistas que assinavam as matérias e colunas, surge a hipótese do segundo critério para colaboração: laços afetivos e de proximidade. A restrita lista de repórteres do periódico era composta basicamente por indivíduos que já possuíam alguma relação de amizade com Abdias Nascimento ou que acompanhavam o seu trabalho no Teatro Experimental do Negro. Como, por exemplo, Efrain Tomás Bo, escritor e poeta argentino naturalizado brasileiro, que junto de Nascimento fez parte da *Santa Hemandad Orquídia* - grupo de jovens poetas que percorreu a América do Sul em busca de experiência de vida e conhecimento - e, no *Quilombo*, assinou duas matérias. Caso análogo ao de Ironides Rodrigues, advogado e jornalista, colaborador do TEN desde a sua fundação e que, recorrentemente, escrevia e realizava traduções para o jornal; com Guiomar Ferreira de

<sup>12</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, p.3.

<sup>13</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, p.3.

Mattos ocorreu o mesmo, uma das poucas mulheres presentes como jornalista no periódico, era atriz da companhia teatral de Abdias e redigia para o *Quilombo*. Ou seja, relações de companheiro entre a direção e os associados apareciam com frequência e se mostravam fundamentais para o desenvolvimento do noticiário.

Textos de intelectuais e pessoas influentes da época também eram publicados sistematicamente no jornal, principalmente nas colunas “Arquivo” e “Democracia Racial”. Exemplos são o sociólogo francês Roger Bastide e o escritor Edison Carneiro, figuras importantes que foram convidados para produzirem textos especiais para o *Quilombo*. Como exímio articulador, Abdias entendia que ter essas pessoas no seu noticiário traria legitimidade e afastaria qualquer possibilidade de estigma negativo (DOMINGUES, 2008).

Para manter a estratégia de diálogo amplo, o *Quilombo* também apresentava uma política de colaboração tendo em vista a questão racial. A aliança estabelecida entre o jornal e os intelectuais brancos da época era significativa para a autenticidade do periódico, pois o colocava em um novo patamar de conteúdo e, ao mesmo tempo, o afastava do estigma e da definição clássica de imprensa negra, como um veículo feito por negros, para negros (PINTO, 2010). O historiador Petrônio Domingues questionou este ponto e apresentou sua hipótese em relação a aproximação do periódico de intelectuais brancos:

Se para o Quilombo a autodeterminação dos negros era uma questão de princípio, porque contribuiu para reforçar a imagem mítica do “herói” abolicionista branco? [...] Esses indícios talvez reforcem a assertiva de que o jornal empreendeu uma política racial. Para fortalecer ‘a obra de valorização social dos brasileiros de cor’, era necessário aludir-se com deferência aos presumíveis aliados brancos que levantaram a bandeira antirracista, tanto no campo político quanto intelectual (DOMINGUES, 2008, p. 268).

Unir-se a referenciais brancos era, portanto, uma tática para alcançar a aceitação e valorização do afro-brasileiro, em busca da representatividade. Desta forma, Nascimento fazia coligações, desde que fossem brancos “democratas”, que enaltescessem pautas pertinentes aos afro-brasileiros, como também assinala Petrônio: “Na campanha publicitária para ampliar o número de assinantes, não se obliterava que eram os ‘negros, mulatos e brancos democratas’ que deveriam colaborar ‘na obra de valorização social dos brasileiros de cor’” (DOMINGUES, 2008, p. 267).

Assentindo a inexistência de definição objetiva de quem pode ser reconhecido como negro, utilizamos apenas o critério de auto declaração para identificar a cor ou raça dos

integrantes do jornal. Pela escassez de fontes, não há um número exato de quantas das 39 pessoas que apareceram como jornalistas ao longo dos dois anos de existência do *Quilombo* eram negras ou brancas. No entanto, a partir do acervo do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), é possível afirmar que, pelo menos, a direção do jornal era composta integralmente por afro-brasileiros. Em seus textos, tanto Abdias Nascimento, Maria de Lourdes Vale Nascimento, quanto João Conceição se autodeclaravam negros.

No quesito profissões, as informações são mais precisas e nos ajudam a contextualizar a linha editorial proposta pelo *Quilombo*, como um jornal literário e cultural. A tabela abaixo mostra que 13 dos 31 associados - dos quais foram encontrados registros de seus outros empregos - também atuavam como escritores, poetas e demais ofícios das letras. Marialva Barbosa (2010) explica que em 1900, os primeiros jornais já arrebatavam os escritores para alcançar popularidade. Em contrapartida, “os literatos viam nesse tipo de publicação a possibilidade de atingir mais leitores.” (BARBOSA, 2010, p. 141). A análise também se aplica ao *Quilombo*, visto que a coluna fixa “Democracia Racial”, tinha justamente o propósito de ser um espaço de diálogo sobre a temática e apresentação de autores importantes e novos intelectuais.

**Tabela 1 - Quem são os jornalistas e colaboradores?**

<b>Origem</b>		<b>Outros empregos</b>	
São Paulo/Brasil	3	Ator/Atriz	3
Ceará/Brasil	1	Advogado	5
Minas Gerais/Brasil	3	Escritor/Poeta	13
Rio de Janeiro/Brasil	4	Médico	1
Bahia/Brasil	4	Antropólogo	1
Alagoas/Brasil	1	Político	1
Pernambuco/Brasil	2	Diplomata	1
Paraíba/Brasil	1	Sociólogo	2
França	4	Músico	1
Estados Unidos	4	Telegrafista	1

Argentina	1	Assistente social	1
Não identificado	11	Não identificado	8
	<b>Total: 39</b>		<b>Total: 39</b>

Fonte: Acervo digital do IPEAFRO - Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros.<sup>14</sup>

A segunda profissão de maior destaque entre os colaboradores é a de advogado. Este resultado também não é novidade. Marialva Barbosa (2010), afirma que desde o início do século passado, há um vínculo muito grande entre o Jornalismo e a Faculdade de Direito. Ou seja, os advogados também eram jornalistas e, de acordo com a tabela, este aspecto se manteve no *Quilombo*. Logo em seguida, no terceiro lugar, aparece a ocupação de ator/atriz, que remete a origem do periódico como porta-voz do Teatro Experimental do Negro. Além de ser um veículo de propagação de produtos culturais, o *Quilombo* não apenas “dava voz”, mas deixava que os próprios artistas falassem sobre as suas demandas. Entretanto, independentemente da profissão primária, todos os colaboradores eram intelectuais buscando um lugar de divulgação de ideias e de lutas para construir um ambiente de representatividade para os negros.

Os dados também revelam o predomínio de colaboradores oriundos dos estados do Sudeste. A justificativa está no desenvolvimento econômico nacional centralizado no eixo São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em 1948, ano de estreia do *Quilombo*, fazia pouco tempo que o Brasil deixava de ter como principal base econômica a produção de café e extração do leite, produtos provenientes, em sua maioria, nos estados de São Paulo e Minas Gerais, fato que gerava riqueza, empregos e, por conseguinte, desenvolvimento pessoal. O Rio de Janeiro, além de abrigar a sede do jornal, também era a capital do país (Distrito Federal), o que representava um ambiente atrativo, propício para novas carreiras e mudanças benéficas de vida. Até os colaboradores oriundos do Nordeste, mudaram-se para o Rio de Janeiro pelo desejo de viver em uma grande metrópole, como é caso de Péricles Leal, Renato Almeida e Edison Carneiro.

Ainda conforme os dados da tabela, o diálogo com a imprensa negra internacional aparece na presença de 9 jornalistas estrangeiros, mais especificamente da França e dos

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/>>. Acesso em: 25 de abr. de 2019.

Estados Unidos e 1 argentino. Com esses havia, sem dúvida, a troca de experiências sobre o que significava ser negro em países tão distintos, bem como a divulgação da intelectualidade e cultura de cada território.

Analisando de forma quantitativa a produção do jornal, somando as dez edições do *Quilombo*, foram publicadas cerca de 232 matérias, que compreendem, no que diz respeito aos gêneros jornalísticos, notícias, artigos e reportagens. A diferença entre o número de jornalistas e colaboradores listados e o total de matérias produzidas evidencia a ampla parcela de textos não assinados. Apenas 87 deles possuem autoria declarada. Através do box de informações administrativas, a direção deixava claro seu posicionamento a respeito dos textos publicados pelos colaboradores: “os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores”<sup>15</sup>. A posição sugere duas conclusões: a primeira, de que os textos publicados e não assinados são competências do próprio *Quilombo* e refletem inteiramente a opinião do periódico e a segunda, endossa o perfil do jornal como veiculador de vozes e ideias, mais um canal do que um protagonista das temáticas abordadas, uma vez que não havia nenhum outro critério avaliativo de conteúdo que não fosse apenas tratar de assuntos pertinentes à população afro-brasileira.

A opção por ser um noticiário que ecoa vozes, é exposto com clareza pela jornalista e assistente social Maria de Lourdes Vale Nascimento, condutora da coluna fixa “Fala a mulher”. Já no primeiro número do jornal, a fim de apresentar a proposta da coluna, Maria Nascimento convoca as leitoras - sempre marcando o gênero feminino e a raça - a entrarem em contato para compartilharem suas histórias e, principalmente, fazerem daquele espaço um lugar confortável de troca: “Solicito as minhas amigas que me escrevam. Sem se importarem com os erros de gramática, que isto aqui não é Academia de Letras e sim uma tribuna democrática para discussão de idéias e problemas nossos”<sup>16</sup>.

No pequeno trecho em que pede as suas leitoras - chamadas de amigas, o que configura o desejo de aproximação máxima com elas e a ideia de partilha de afetos e sentimentos - que escrevam para ela, observa-se dois aspectos muito importantes: o primeiro é a assertiva de que as cartas poderiam conter “erros de gramática”, o que denota uma leitora com um difícil manejo da língua, evidenciando uma ampliação do público real do jornal, para além dos intelectuais que poderiam à primeira vista ser presumidos como leitores dominantes; e a segunda, que o jornal considerava a partilha entre os jornalistas e os próprios

---

<sup>15</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de maio de 1949, p. 3.

<sup>16</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, p.8.

leitores como fundamental para a sua existência, colocando em evidência a função autoral do público.

Se a partir da análise do periódico é possível concluir que o leitor do *Quilombo* atua para produtor de conteúdo, agora pode-se afirmar que o jornalista também se coloca como personagem da notícia e leitor das narrativas que a eles são remetidas. Ao utilizar o pronome na primeira pessoa do plural, como o “nossos”, a jornalista se coloca em igualdade em relação às suas leitoras, em razão de possuir as mesmas vivências de uma mulher negra no Brasil do fim da década de 1940.

Além das demais oportunidades de diálogo que o *Quilombo* já disponibilizava, Maria Nascimento também aproveitava o espaço de sua coluna para subverter o lugar socialmente destinado às afro-brasileiras, questionando as opressões a que estavam sujeitas e construindo, em conjunto, alternativas para o bem-estar social e profissional de suas leitoras. A historiadora Giovana Xavier, destaca que as ações de Maria Nascimento foram fundamentais para construção de uma nova imagem da mulher negra brasileira.

Em colaboração permanente com suas “amigas”, Maria construiu representações da mulher negra como trabalhadora do mundo livre, rejeitando os lugares estereotipados de sexualização, irracionalidade e falta de caráter que lhes eram destinados desde os tempos da escravidão. Autoproclamada intelectual negra – num meio de “gente de côr” também balizado pelo machismo –, a ativista trabalhou em prol de uma “integração nacional da qual o negro é um dos protagonistas”. Suas letras nos conduzem à luta das mulheres negras por reconhecimento como “brasileiras”, merecedoras dos mais plenos “direitos humanos” (XAVIER, 2015, p. 3).

Ao perceber os jornalistas como personagens e consumidores de suas próprias narrativas, faz-se necessário também compreender a composição do público do *Quilombo*, quais eram as suas necessidades e por quais motivos o formato e abordagem do jornal obtinham a aceitação do público.

### **3.2. Diálogo entre leitores e jornal**

Idealizar um noticiário exclusivamente para os afro-brasileiros na década de 1940 era algo desafiador. Embora a população nas cidades estivessem crescendo, o Brasil ainda era um país predominantemente rural, com apenas 31% das pessoas morando em áreas

urbanas, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>17</sup>. Mesmo em 1950, ano de encerramento do *Quilombo*, os dados não haviam sofrido muitas alterações, chegando a 36% em relação à totalidade da população brasileira.

Se analisarmos os números referentes à alfabetização dos pretos ou pardos, o impacto é maior, revelando a dificuldade de atingir uma cifra representativa do ponto de vista quantitativo dos negros e negras que teoricamente tiveram acesso às notícias e narrativas do *Quilombo*. A partir dos dados presente no Censo de 1950 do Distrito Federal - que atualmente corresponde ao Rio de Janeiro - apresentado no artigo de Giovana Xavier, em diálogo com o sociólogo Luiz Antônio Costa Pinto, é possível caracterizar esse cenário:

O sociólogo Luiz Antônio Costa Pinto, assinalou, também com base nos recenseamentos, que das 227.238 (63,83%) pessoas com dez anos ou mais que tinham completado o grau elementar dos estudos no Distrito Federal, 189.909 (83,57%) eram brancas, contrastando com 8.823 (3,88%) pretas e 28.506 (12,55%) pardas (XAVIER, 2015, p. 6).

Em princípio, essa realidade excludente deveria ser empecilho à criação de um jornal, em tese, direcionado especificamente para a população negra letrada. No entanto, Abdias Nascimento pensou além, e tentou atingir justamente, os poucos, mas presentes intelectuais negros que estavam emergindo. Petrônio Domingues também entende que o público alvo do jornal era a classe média negra, pelo fato de “as matérias muitas vezes exigiam o domínio de certo cabeçal intelectual” (DOMINGUES, 2008, p. 287). Ou seja, a ascensão social dos afro-brasileiros não era apenas um anseio, mas também uma ação.

É importante ressaltar que, mesmo visando a parcela mais letrada da população negra, o *Quilombo* abordava assuntos para todas as classes. Os temas variavam desde a viagem ao exterior de um jornalista negro do periódico, como João Conceição, até a discussão sobre as humilhações que as mulheres negras exercendo o ofício de domésticas estavam submetidas nas casas das famílias brancas. Este tipo de flexibilidade temática só era possível porque os negros conseguiam compreender ou até mesmo experienciar as situações mais básicas de falta de direitos humanos. Não havia distanciamento temporal, do pós-abolição até 1940, para que os negros, mesmo os que possuíam um maior capital intelectual, não tivessem passado por alguma situação de discriminação racial e social ou não tivessem

---

<sup>17</sup>Globo Educação. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-brasileira.html>>. Acesso em: 14 de mai. de 2019.

algum parente que tivesse vivenciado experiências de cerceamento de liberdade<sup>18</sup>. Mesmo que distante financeiramente, todos os negros, numa vivência do comum, construía a unidade do público do *Quilombo*, pois como define Muniz Sodré “a comunicação é a troca da elaboração do comum humano” (SODRÉ, 2014). A memória compartilhada era um desses locais simbólicos de construção do comum.

Estratégias comunicacionais desenvolvidas durante o período da escravidão também serviram de alicerce para atingir os negros não-alfabetizados. Antes da Abolição, o Brasil já contava com um contingente de negros escravizados que sabiam ler. Mas, por serem poucos, a oralidade ainda era a principal ferramenta de registro e comunicação entre negros, que mesmo oriundos de reinos e regiões distintas do continente africano, estabeleciam formas de contato, tanto para dividirem seus sofrimentos, quanto para festejarem e, principalmente, preservar as culturas ancestrais. Portanto, no século XIX, era comum rodas de leituras, na qual o negro letrado lia notícias. As investigações sugerem que, de forma similar, o mesmo ocorria com o *Quilombo*. Para Marialva Barbosa, estes que ouviam o relato também poderiam ser considerados leitores, partindo do pressuposto da existência de três classificações:

Leitores de primeira natureza, porque sabem e de fato leem. Leitores de segunda natureza, porque escutam o que os outros podem ler para eles, em voz alta. E, finalmente, leitores de terceira natureza, porque tomam conhecimento do que se comenta a partir das leituras (BARBOSA, 2016, p. 82).

Apesar de ser difícil mensurar a exata repercussão do Quilombo, o impacto entre os negros pode ser observado na coluna “Cartas”, na qual os leitores podiam utilizar do espaço para enviarem suas opiniões em relação ao conteúdo dos jornais e tirarem dúvidas. A partir disso, pistas eram deixadas sobre as formas como o periódico estava sendo consumido. As cartas eram direcionadas à direção do jornal e respondidas por Abdias Nascimento, o diretor-geral.

---

<sup>18</sup> Mesmo hoje, mais de um século depois da Abolição, os exemplos de discriminação racial e de tentativa de subjugar os negros na sociedade brasileira são abundantes. De acordo com Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), por exemplo, a taxa de analfabetismo em entre os pretos ou pardos em 2016 era de 9,9%, enquanto a dos brancos marcava 4,2%. Também pelo PNAD, no mesmo ano, 1835 crianças de 5 a 7 anos trabalham. Dentre elas, 63,8% eram pretas ou pardas, enquanto brancos eram 35,8%. Se no passado a violência contra os negros era de todas as ordens, os dados comprovam que a hostilidade é continua. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>>. Acesso em: 14 de mai. de 2019.



Na edição de número quatro, a correspondência enviada por Durvalino Alves da Silva endossa a hipótese de que havia outra tipologia de leitores dos que podem ser considerados tradicionais. Na carta, ele declara:

Prezado Sr. Li uma das edições do nosso Jornal Quilombo - vida, problema e aspirações. Li com amor e carinho porque trata-se exclusivamente da educação social dos nossos irmãos de cor. Sinto-me até acabrunhado em escrever estas linhas porque sou inculto, mas orgulho-me porque esta educação que não alcancei, meus filhos estão alcançando. Já tenho uma filha no curso técnico na Escola do Comércio, outra já no 2º ano Normal e, mais duas seguindo uma educação de emancipação de nossa raça. O número de “QUILOMBO” que li foi enviado por uma irmã de cor à minha filha, a qual estuda na faculdade do Comércio em S. José do Rio Preto, Estado de São Paulo. Pretendo fazer dos meus filhos batalhadores incansáveis em benefício dos nossos irmãos (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1949, p. 2. Grifos nossos).

No pequeno trecho da carta observamos vários índices de leitura do jornal e, sobretudo, como podia ser lido até por aqueles que eram considerados “incultos”. Na carta, o leitor faz questão de afirmar as emoções que sentiu ao ler o jornal, afinal diante do periódico ele sentiu “amor e carinho” frente ao conteúdo da publicação. Na mesma carta, afirma o valor da educação e o orgulho que sente por suas filhas estarem se educando, o que na sua opinião significava a própria emancipação da “nossa raça”.

Observamos também os caminhos tortuosos que levavam o jornal até o leitor. Segundo Durvalino tinha sido uma “irmã de cor” que fizera chegar às mãos de sua filha o periódico que, certamente, o levou até a sua casa. Houve, portanto, várias mediações para que o periódico finalmente chegasse às suas mãos. Observamos nessas ações uma multiplicação da possibilidade de leitura do jornal. Nesse caso, pelo menos, três pessoas fizeram a leitura de um mesmo exemplar do periódico, multiplicando seu poder de difusão.

Se antes já era empregado pelos jornalistas, o pronome “nosso” também aparece no texto dos leitores. Ao optar por esta palavra, que marca posse e pertencimento, Durvalino mais uma vez reforça a construção do *Quilombo* como um processo coletivo. O sentimento de vínculo também aparece em outras cartas.

Na edição de número dois, o leitor Milton Nunes da Silva assinala que para além da elaboração de jornais como o *Quilombo*, os afro-brasileiros deviam ter senso de coletividade para criarem juntos outros canais de entretenimento, pois, segundo ele, esses espaços são propícios para construção da identidade negra: “Temos que nos organizar, isto

é, criar nossas organizações culturais e recreativas. Nesses organismos, dirigidos com critérios, o negro aprimorar-se-á e então adquirirá consciência negra”.<sup>19</sup>

No âmbito internacional, o *Quilombo* também conquistou um público sólido, que geralmente corresponde à negros com desejo de compreender melhor a cultura, anseios e problemas dos afro-brasileiros. Em suas correspondências, encontram-se elogios ao trabalho realizado e empatia com as agruras do cotidiano brasileiro, que muitas vezes também eram vividas pelo remetente, mas nas proporções históricas e culturais de cada país. Thomé Agostinho das Neves, de Luanda, Angola, ressalta em sua carta que além de difundir as demandas brasileira, o *Quilombo* era transmissor do cotidiano de negros de outras nacionalidades, construindo um verdadeiro intercâmbio de experiências. Observamos também na carta, mais uma vez, a maneira como o jornal podia circular mesmo entre leitores de outros continentes. Certamente alguém que viera do Brasil levava junto com a sua bagagem um exemplar do jornal e no local de destino o fizera circular entre amigos. Foi assim, que o jornal pôde ser lido por Thomé, em Luanda.

Mãos amigas fizeram chegar diante dos meus olhos o jornal QUILOMBO que circula no Brasil sobre a sob sua magistral direção. Digo magistral porque hoje mesmo li os números 1º a 4º que me inteiraram do que desejava saber da vida social, cultural e artística do negro no Brasil. Pôs-me no conhecimento dos livros e autores negros brasileiros. Algo me orientou quanto à vida do negro na América do Norte e muito fiquei sabendo da luta do negro pelo direito ao direito (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1950, p. 4. Grifo nosso).

A resposta da carta esclarece o objetivo da direção de fazer do periódico um canal de integração dos negros. Abdias Nascimento responde a correspondência salientando o comum entre as comunidades negras e orientando onde o leitor poderia ter conhecimento sobre os seus “irmãos de côr” da América do Norte. Ou seja, havia a pretensão de uma divulgação extensiva de suas mensagens e o sonho de fazer da questão negra algo transnacional.

Sentimo-nos honrados com as suas palavras. De fato, é esta a orientação que pretendemos para o nosso jornal. A respeito da luta dos pretos daí nossa solidariedade. A luta do homem de côr para conquistar seu lugar ao sol, é árdua, mas gloriosa. Tenhamos confiança. O amanhã será melhor. Providenciaremos a remessa dos exemplares que nos solicita e anotamos o seu nome como assinante. Para melhor conhecimento da vida do negro americano, procure o “PITTSBURGH COURIER” (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1950, p. 4. Grifo nosso).

---

<sup>19</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1949, p. 2.

O texto destacado pelo leitor de Angola, refere-se à matéria de George S. Shuyler, jornalista afro-americano, de Pittsburgh, na Pensilvânia, citado por Abdias. Após enviar uma carta<sup>20</sup> para a direção do *Quilombo* solicitando a primeira edição do periódico para uma pesquisa, o jornalista publicou um texto no seu jornal explicando a função política e cultural do *Quilombo*. A matéria foi republicada no jornal brasileiro na coluna “Acervo”. No texto, Shuyler chamava a atenção dos afro-americanos sobre a relevância de conhecer o processo de luta e conquista de outros negros, afinal, mesmo com trajetórias díspares, a vida como sinônimo de resistência começou no mesmo ponto para todos: na escravidão.

QUILOMBO é a única publicação ilustrada e devotada à causa do progresso do Negro do Brasil. Talvez vocês julguem que os negros do Brasil não têm “causa” no sentido do problema dos Negros dos Estados Unidos, mas se vocês pensam assim estão totalmente errados. Alguns dos problemas inerentes aos negros deste país também são aos negros do Brasil. O problema da côr não é tão severo e óbvio como nos Estados Unidos, mas existe definitivamente lá, embora os brancos brasileiros o neguem. Os brasileiros de côr têm uma história diferente. Vocês podem saber desta história no QUILOMBO todos os meses. Vocês podem saber através de suas interessantes páginas o que os brasileiros de côr no mundo social e artístico. Vocês podem conhecer a obra dos negros atores e escritores e também notarem a extensão da variação de côr e discriminação num país maior do que o de vocês, em que a maioria do povo é o que nós chamamos de NEGROS aqui nos Estados Unidos. (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1950, p. 4. Grifo nosso).

O fator comum entre todos os relatos dos leitores, nacionais ou internacionais, é o reconhecimento do si como ser desrespeitado pela sociedade, que logo em seguida passa para o reconhecimento de comunidade ultrajada. O processo de autorreferência narrativa presente no texto mostra que havia a busca de um lugar comum e a construção de uma razão identitária. George S. Shuyler evidencia isso ao destacar a palavra “NEGROS”, na qual está presente um sentido identitário, apresentado sob forma de linguagem. Estas marcas linguísticas aparecem invariavelmente nas cartas e nos textos do *Quilombo*.

A memória dos tempos sombrios da escravidão aparece no vocabulário dos jornalistas. Escolhas por termos originalmente enunciados pelos senhores que se autodeclaravam brancos para tratar os negros como inferiores, demonstra como os poucos anos desde da abolição até ao lançamento do primeiro número do *Quilombo*, precisamente

---

<sup>20</sup> O texto da carta foi publicado no *Quilombo* de número dois. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-02/>>. Acesso em: 11 de mai. de 2019.

60 anos, não foram suficientes para apagar 400 anos de construção do ser negro na própria Língua Portuguesa.

Petrônio Domingues (2008) registra que, durante as dez edições do *Quilombo*, as designações mais utilizadas para se referir ao afro-brasileiros foram “negro”, em seguida “homem de cor” e depois, “preto”. No entanto, também aparecem os termos: “famílias de cor”, “irmãos de cor”, “gente de cor”, “brasileiro de cor”, “de cor de canela”, “crioula”, “pretinha”, “escurinha”, “povo de cor”, “negrada”, “minorias”, “população de cor”, “homem de cor do Brasil”, “afro-brasileiros”, “morena”, “azeviches”, “patricios de cor” e “elemento negro”, “elemento pigmentado” e “brasileiros de ascendência africana”.

Antes destas palavras ganharem o sentido de identidade racial, ao ponto de os próprios afro-brasileiros se autorreferenciarem, como é o caso dos jornalistas negros do periódico, houve um processo de ressignificação. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, a partir dos estudos de João José Reis, explica que as designações mais utilizadas pelo *Quilombo* perpetuaram com popularidade, porque já no século XIX, eram utilizadas com muita frequência, mas não da forma como apresentadas pelo periódico.

Na primeira metade do século XIX, na Bahia, dois termos raciais principais: “preto”, que designa os africanos, e “crioulo”, que designa os negros nascidos no Brasil. Na segunda metade do século XIX, entretanto, na mesma província, a tendência é que o termo “preto” passe a abarcar igualmente a africanos e descendentes de africanos. “Negro” deixa então de designar a “cor” e passa, paulatinamente, a ter um significado racial e pejorativo (REIS apud GUIMARÃES, 2003, p. 250).

Não é de se estranhar que o “negro”, de mais pejorativo, se torne o vocábulo mais habitual. Ainda segundo Guimarães, esta estratégia linguística de apropriação do fator que oprime, dando-lhe um novo significado começou a ser empregada ainda na década de 1920, pelos considerados pioneiros dos movimentos negros que “referindo-se a si mesmos e construindo uma certa identidade social a partir de vocábulos, conceitos e idéias legados do passado. Chamam a si mesmos de “homens de cor” e “homens pretos”, e chamam seu coletivo de ‘classe’” (GUIMARÃES, 2003, p. 250).

Foi a partir desta tomada de consciência que a população afro-brasileira conseguiu dar um novo sentido para si, para suas formas suas expressões artísticas e a sua cultura, fato essencial para a construção da sua própria identidade. No próximo capítulo, iremos investigar como o *Quilombo* resgata a memória e reconta a história ancestral dos negros brasileiros, por meio da literatura, da música e do teatro.

#### 4. Narrativas e aspirações do negro em páginas culturais

Diante da complexidade do conceito de cultura e das possibilidades de sua percepção relacionada diretamente a experiência humana, recorreremos brevemente e sem o devido aprofundamento teórico, a um fragmento da concepção de cultura de Raymond Williams (1958), para quem significa, sobretudo, modos de luta.

Tendo essa afirmação como direcionador, iremos analisar de que forma o *Quilombo* divulga e ressignifica os diversos produtos culturais presentes nas suas páginas. Aqui procuramos ampliar a concepção mais estreita a ideia de produtos culturais relacionados ao jornalismo, que, em certa medida, coloca em evidência manifestações mais clássicas e relacionadas às expressões culturais mais tradicionais e que, de certa forma, produz uma divisão aleatória entre níveis culturais na sociedade - a alta e a baixa cultura. Além das colunas sobre música, escolas de samba, teatro e cinema, que aparecem em quase todas as dez edições, durante os dois anos de circulação do periódico, a temática referente aos hábitos e valores da população negra transnacional, bem como os costumes dos afro-brasileiros, são resgatados em matérias, artigos e reportagens do jornal.

Neste último capítulo, também investigaremos o emprego do conceito de cultura negra, que em determinados casos está ligado à definição de cultura popular e, até mesmo, à própria identidade dos indivíduos afro-brasileiros. Para isso, utilizaremos os escritos de Stuart Hall, no livro “Da diáspora: identidades e mediações culturais” para traçarmos como as práticas populares elaboram embates constantes com a cultura hegemônica para a preservação das tradições.

As definições de jornalismo cultural propostas por Daniel Piza (2003) também servirão de mediação teórica para compreendermos as estratégias dos veículos de comunicação que, assim como o *Quilombo*, optavam por difundir informações da atualidade por meio de linguagens lúdicas. Partiremos do pressuposto de que assuntos ligados ao afeto, muitas vezes classificados de menor importância por serem entendidos como entretenimento, não são desprovidos de consciência política, muito menos de utilidade prática imediata. Para isso, mostraremos o ineditismo do *Quilombo*, como um jornal da imprensa negra, que se propôs a narrar os problemas e as aspirações do negro através das tendências do mercado cultural popular do negro brasileiro e de outros países, como a França e os Estados Unidos.

#### 4.1. Outras formas de conhecer o mundo

Além de cumprir a função informativa e educacional característica da imprensa negra brasileira do século XX, o *Quilombo* propôs uma nova forma de conhecimento e reconhecimento do mundo, a partir da perspectiva negra sobre a cultura. Logo no editorial da edição de número um, Abdias Nascimento, autor do texto e diretor-geral do periódico, assinala que o jornal acreditava na existência de uma cultura propriamente afro-brasileira, ou como ele descreve, “com traços africanos”, distinta da cultura hegemônica branca. Ademias, Nascimento frisa que o *Quilombo* entende o direito ao acesso e à produção de cultura como uma luta tão importante quanto os esforços pela extinção da discriminação racial, pois ambos estão ligados ao resgate da identidade do povo negro.

Nós saímos - vigorosa e altivamente - ao encontro de todos aqueles que acreditam, - com ingenuidade ou malícia -, que pretendemos criar um problema no país. A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato (Senador Hamilton Nogueira). Porém a luta de QUILOMBO não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, sinão em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura. A cultura, com intuição e acentos africanos, a arte, poesia, pensamento, ficção, música, como expressão étnica do grupo brasileiro mais pigmentado, paulatinamente vai sendo relegada ao abandono, ridicularizada pelos líderes do “branqueamento”, esquecendo-se esses “aristocratas” de que o pluralismo étnico, cultural, religioso e político dá vitalidade aos organismos nacionais, sendo o próprio sangue da democracia (Gilberto Freyre). Podemos dizer que o desconhecimento do negro como homem criador e receptivo vem desde 13 de maio de 1888 (Artur Ramos) [...] (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, p. 1).

Observa-se também, que em nenhum momento o editorial aponta para um caminho que vise a supremacia da cultura negra, pelo contrário. Por mais que houvesse um pensamento transgressor, como já foi analisado ao longo da pesquisa, o *Quilombo* reproduzia o discurso de sua época, que almejava a harmonia racial e, conseqüentemente, a cultural. Esta evidência é constatada com a citação de Gilberto Freyre no texto, que endossa o discurso de pluralidade étnica e racial como positiva para a democracia brasileira.

O autor Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2003) ressalta que, assim como no *Quilombo*, a comunidade negra nos Estados Unidos, no Caribe e na Europa também encarava ser fundamental a reivindicação de uma cultura própria, proveniente dos ancestrais africanos, como processo para a conquista de direitos.

A crença na existência de uma “cultura negra”, expressão da “alma negra”, é na verdade comum a americanos e europeus do final do século XIX e começo do século XX, crença que alimenta um sentimento profundo das diferenças entre brancos e negros, sentimento que será popularizado no mesmo período pela descoberta e valorização que os artistas cubistas e modernistas farão da “arte negra” e da “arte africana”. Nos Estados Unidos, no Caribe e na Europa a existência de uma “cultura negra” nunca foi seriamente posta em dúvida. Muito pelo contrário, ela serviu de justificativa para a luta em prol da emancipação política dos negros e alimentou o ideal nacionalista pan-africanista de movimentos sociais (GUIMARÃES, 2003, p. 259).

O ideal de cultura proposto por Abdias Nascimento e pleiteado por Antônio Sérgio Alfredo Guimarães dialoga com as reflexões posteriores de Stuart Hall (2003) sobre a temática. Em “Da diáspora: identidade e mediações culturais”, o antropólogo evidencia a importância da cultura no terreno da disputa pelo consentimento e resistências populares. Fazendo uso dos escritos de Cornel West (1990), Hall ainda pontua que os questionamentos sobre a cultura popular surgem sempre em conjunturas, desencadeadas por momentos históricos. Assim, pode-se dizer que, o surgimento de veículos como o *Quilombo*, que problematizam o conceito de cultura tradicional e reivindicam os saberes de um povo historicamente marginalizado, se enquadra no terceiro eixo conjuntural proposto por Hall em diálogo teórico com Weste:

O terceiro eixo é a descolonização do Terceiro Mundo, marcado culturalmente pela emergência das sensibilidades descolonizadas. Eu entendo a descolonização do Terceiro Mundo no sentido de Frantz Fanon: inclui aí o impacto dos direitos civis e as lutas negras pela descolonização das mentes dos povos da diáspora negra (HALL, 2003, p. 336).

Foi acreditando no potencial da cultura de descolonizar mentes, que Abdias Nascimento idealizou a forma de narrativa do jornal *Quilombo*, que conseguiu de maneira singular tornar o popular erudito e, ao mesmo tempo, democratizar o elitismo - feito que discutiremos mais adiante. Mas, já é possível afirmar que esta união é muito complexa para os veículos comunicacionais que fazem da cultura sua linha editorial, os conhecidos “segundos cadernos”, que ganhou força no Brasil do século XIX.

Ao contrário do que a nomenclatura pode sugerir, o jornalismo cultural, não trata de assuntos secundários ou temáticas menores. O *Quilombo* é um ótimo exemplo para desqualificar este pressuposto. De acordo com Daniel Piza (2003), a funcionalidade da abordagem cultural é igual ao do jornalismo diário, pois faz uso das mesmas premissas e

técnicas, mas além do tradicional, o jornalista que propõe a escrever sobre o que é considerado “arte”, tem a preocupação de investigar para o leitor os impactos e inovações da cena cultural e como isso atua na sociedade, nem que seja como instrumento de aprendizado e educação. “A imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe” (PIZA, 2003, p. 45). Cabe ressaltar, porém, que nas afirmações de Piza observamos a apropriação de jornalismo cultural baseada no senso comum, ou seja, como divulgador de manifestações “artísticas”, de preferência da chamada alta cultura, cumprindo uma função educacional. A percepção de cultura como intrínseco à experiência humana, amplia essa concepção e, sobretudo, não produz uma divisão entre diferentes culturas existentes na sociedade.

Assim, observamos, que o *Quilombo* se filia a uma ideia de cultura como modos de vida e de luta, indo além de uma definição de cultura pautada no senso comum, ao questionar, por exemplo, o mercado que apenas enaltecia a cultura caucasiana e começado a apresentar ao seu leitor uma nova visão sobre os produtos artísticos, colocando o negro como autor e protagonista. Para construir esses argumentos, que também significava a autoestima do afro-brasileiro, as críticas culturais presentes no jornal não avaliavam de forma simplória se a criação era boa ou não, um sucesso absoluto ou o puro fracasso, mas interpretavam a obra, informando ao leitor aspectos que aos olhos leigos não seriam tão evidentes. E sempre enaltecendo o que de aprendizado sobre a sua própria história o negro poderia adquirir. Ou seja, era uma nova forma de enxergar criticamente o produto. No *Quilombo* de número quatro, a coluna “Livros” é escrita pelo escritor Péricles Leal que re-analisa a peça do Sr. José de Moraes Pinho, justamente questionando a rasa avaliação dos críticos dos veículos tradicionais.

Eis aqui um belo trabalho que, por isso mesmo, foi mal recebido e incompreendido pela crítica: “Filhos de Santo” a peça de estreia de um moço de Pernambuco, o Sr. José de Moraes do Pinho. Não quero com isso dizer que a peça seja perfeita e que houve premeditada má vontade contra o autor “debutante” apresentado pelo Teatro Experimental do Negro, em sua temporada deste ano. De forma alguma. O trabalho do Sr. José de Moraes Pinho se ressentido de várias coisas, possui entradas forçadas e nem sempre os tipos humanos estão fixados como era de se esperar. [...] Entretanto, o erro da crítica não está em apontar os defeitos de “Filhos de Santo”, mas em deixar de notar e salientar com a atenção devida as virtudes - que são tantas. A verdade é a importância da peça de estreia do autor pernambucano, é das maiores. Em “Filhos de Santos” está tentada a fixação de tãda a extraordinária importância que possui a religião na vida do



homem de côm no Brasil, principalmente no norte do país. [...] (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1949, p. 5. Grifo nosso).

Na segunda edição do *Quilombo*, também na coluna “Livros”, a estratégia de análise permanece a mesma. Ao avaliar as obras do escritor francês Paul Morand, o jornalista Ironides Rodrigues o adjectiva como “exótico”, logo depois como “lúcido” mas, em finalidade, sua atenção estava voltada em relatar aos leitores o que eles poderiam aprender com elas: as histórias e o cotidiano de seus ancestrais.

Em “Magie Noire” de Paul Morand, foi-nos dado ler um dos mais lúcidos estudos sôbre as feitiçarias e superstições do negro. O El Garron, de Paris, é onde se encontram todos os tocadores de jazz da cidade, mercadores de mulheres brancas e até traficantes de cocaína. Pretos do Harlem e das Antilhas ali praticam a mandinga de seus ancestrais (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1949, p. 5. Grifo nosso).

Analisando de maneira geral os dez números do *Quilombo*, destaca-se um segundo tipo de relação com a crítica cultural, principalmente das provenientes dos veículos de grandes tiragens. Nos textos voltados para divulgação de produtos culturais, a crítica tradicional era posta como argumento. Uma análise positiva dos importantes noticiários da época servia de endosso para o convencimento do leitor. Este fato sugere que, mesmo criando alternativas às mídias tradicionais, a avaliação da comunidade branca ainda tinha impacto sobre as performances produzidas por pessoas negras para a população negra. O texto sobre a Orquestra Afro-Brasileira, no *Quilombo* de número um salienta isto.

Críticos dos mais dos mais autorizados, como Andrade Murici, no “Jornal do Comércio”, ou Eurico Nogueira França do “Correio da Manhã” e outros, com competência técnica que todos lhes reconhecem, têm estudado a obra da Orquestra Afro-Brasileira, ressaltando nela a originalidade e a significação como experiência de inegável importância para os destinos da cultura musical brasileira (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, p. 6).

Temáticas sobre orquestras, críticas teatrais e resenhas literárias fazem com que, a princípio, o *Quilombo* se mostre como um periódico amante da cultura rotulada erudita. No entanto, o principal objetivo do jornal era democratizar a cena cultural, para que a população afro-brasileira pudesse ter o direito de consumir o que lhe agradasse e, para além disso, fazer com que os hábitos oriundos de comunidades pretas, também fossem reconhecidos como

cultura. Nos extratos anteriores de José Morais Pinho e do autor que avalia a obra de Paul Morand, isso parece evidente. Embora estivessem os autores fazendo uma avaliação de produtos culturais hegemônicos, os aspectos destacados nos textos fazem referência aos modos culturais que permeiam a vida do negro e suas tradições, havendo nos dois casos referências explícitas as manifestações religiosas de matrizes africanas.

O reconhecimento da cultura popular, que no Brasil não tem como ser dissociada de raça, aparece no *Quilombo* nas pautas sobre escolas de samba, cultos religiosos de origem africana e artistas negros com atuação nas mais diversas áreas culturais que buscavam notoriedade. Embora o periódico de Abdias Nascimento fornecesse subsídio para que a população negra adentrasse meios cultos, isso não o tornava um veículo com temáticas de “elite”. Transcrever modos de resistência, lutas por direitos e festejos que por muito tempo foram criminalizados, não condizem com as demandas da elite econômica brasileira da década de 1940, que era predominantemente branca.

O jornal estava à serviço dos modos culturais que de alguma forma geravam identificação com os afro-brasileiros. A tomada de consciência e de narrativa de suas próprias histórias foram fundamentais para que o *Quilombo* pudesse compor o movimento de artistas que buscavam narrar o negro brasileiro de outras formas, talvez mais verídica e múltipla. Este posicionamento periódico, colocou a cultura negra em outro patamar dentro das notícias.

#### **4.2. Tomada de narrativa: a cultura negra como notícia**

Fazendo uma analogia com o subtítulo do *Quilombo* “*vida, problemas e aspirações do negro*”, pode-se dizer que as “*aspirações*” eram depositadas nas colunas de cultura. Sabe-se que cada expressão artística tem um jeito próprio de tocar o público, e os jornalistas e colaboradores do *Quilombo* passavam essas singularidades para os leitores por meio dos seus textos. O ponto em comum entre todos era esforço de promover uma educação artística sobre a cultura negra. Para entendermos como eram feitas abordagens e o conteúdo produzido, serão analisadas as colunas “Teatro Experimental do Negro”, “Negro na Música” e “Cinema”.

Presente nos dez números do *Quilombo*, a coluna “Teatro Experimental do Negro” representa o cordão umbilical que liga o periódico à sua origem. O espaço mantia a função primária da idealização do jornal de divulgar peças, roteiros, novos atores e atividades

sociais da companhia de teatro para negros fundada por Abdias Nascimento. Dentre as colunas nitidamente voltadas para assuntos artísticos, talvez essa seja a que mais apresentava textos jornalísticos tradicionais, estritamente informativos e de serviço.

Com grande espaço no jornal, a coluna geralmente apresentava subdivisões, para dar conta de todas as diferentes frentes que a companhia atuava. Em relação à formação de atores, o grupo fornecia uma espécie de intercâmbio para negros de outros estados que também tinham a intenção de criar grupos experimentais teatrais. Não havia competição. O objetivo era fortalecer a rede de artistas negro, com trocas de experiências para solidificar a cultura artística entre a comunidade, como mostra a matéria intitulada “Multiplicam-se os teatros negros”, na coluna “Teatro Experimental do Negro”, do *Quilombo* número um, publicado em 9 de dezembro de 1948.

A semente foi lançada em 1944, com a fundação do Teatro Experimental do Negro aqui no Rio. Essa idéia de um teatro negro em cada estado, em cada município, e em alguns casos já estava em vias de materializar. Em São Paulo, por exemplo, o professor Geraldo Campos de Oliveira desde o ano passado vem se preocupando com o assunto, procurando elementos, realizando testes, e até mesmo pequenos ensaios de algumas peças. O Snr. Alfredo Mesquita, conhecido escritor e diretor de cena, escreveu especialmente para esse grupo a peça intitulada “O Porão” (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1949, p. 5).

As ações sociais do TEN para a população negra também tinham grande destaque na coluna. Abdias Nascimento acreditava que era necessário criar uma formação básica como, por exemplo, alfabetizar os negros não-lettrados, para assim inseri-los no mundo das artes. Além disso, Nascimento tinha uma forte ligação com a política. Se a educação dos seus iguais era uma forma de iniciar um processo de emancipação, a política serviria para revolucionar de vez. Ter representantes afro-brasileiros criando leis e políticas públicas em prol dos negros era determinante para um futuro de igualdade. Abdias Nascimento acreditava tanto nesse caminho, que no ano de 1949, foi publicado no periódico a sua própria candidatura a vereador do Distrito Federal. Então, para fortalecer os afro-brasileiros da política, no sétimo-oitavo *Quilombo*, foi publicada a carta que a direção do Teatro Experimental do Negro tinha enviado aos presidentes de partidos políticos, solicitando o nome dos candidatos negros que iriam se candidatar nas eleições de 1950, para que o jornal pudesse divulgá-los gratuitamente.

O Teatro Experimental do Negro acaba de enviar aos presidentes dos diretórios de todos os partidos políticos no Distrito Federal o seguinte ofício: “O teatro Experimental do Negro tem, entre outros objetivos, o de enaltecer o desenvolvimento da capacidade política do homem da côr brasileiro. Uma das maneiras de realizar este objetivo é proclamar e ressaltar, perante os leitores do periódico QUILOMBO, os méritos de negros e mulatos no âmbito da ação cívica e da atividade política. Nestas condições, solicitamos a V. Excia. nos informar quais os nomes e os respectivos endereços dos negros e mulatos que serão candidatos desse partido, no Distrito Federal, nas próximas eleições de 3 de outubro. De posse desses dados, a redação do QUILOMBO irá entrar em contacto com os candidatos afim de fazer em suas páginas, gratuitamente, a propaganda dos mesmos. Na certeza de que V. Excia, perceberá o alcance deste oferecimento e de uma resposta imediata, subscrevemo-nos com a maior estima e distinta consideração.” (QUILOMBO. Rio de Janeiro, março-abril de 1950, p. 5).

Observa-se que não havia distinção de partidos ou ideologias políticas. Para a companhia teatral, o que realmente tinha relevância era dar visibilidade à bancada negra e apresentar aos leitores candidatos que poderiam promover mudanças benéficas para os afro-brasileiros. Também há de se considerar que a coluna atuava como uma espécie de extensão editorial do jornal. Além deste ofício, o espaço ainda divulgava parcerias com outros grupos teatrais e participações em eventos nacionais de divulgação, ações que ultrapassavam os limites do TEN e representavam o posicionamento do próprio periódico.

Na perspectiva cultural, a coluna “Teatro Experimental do Negro” era importante, pois lançava novos nomes do teatro negro brasileiro e consagrava para o público geral atores notáveis que iniciaram suas carreiras na companhia, como Grande Otelo e Ruth de Souza. Ter a função de servir os leitores com catálogos de produções teatrais e atividades educativas, sintetizava as aspirações do *Quilombo* enquanto canal transgressor dos afro-brasileiros.

Já coluna “Negros da Música”, com reportagens pequenas e apreço ao personagem apresentava aos leitores uma gama de compositores, intérpretes e musicistas influentes para a história da música. O espaço não era fixo, mas quando aparecia na edição, a narrativa era construída a partir da história de um único artista, apresentando detalhadamente sua trajetória e o seu estilo musical.

No *Quilombo* de número três, é contada a história da cantora norte-americana Mirian Anderson. O texto com nuances biográficas, destacava os grandes feitos da artista desde sua infância até a vida adulta, quando atingiu o auge da carreira. Miss Anderson foi a primeira cantora negra a receber um prêmio de reconhecimento em concertos importantes de música clássica e a poder se apresentar nos teatros tradicionais da Filadélfia, Estados Unidos. Esta

era uma característica da coluna, apresentar negros e negras que abriram o caminho para que muitos outros também pudessem viver da música. Mirian Anderson foi uma precursora na música clássica e o texto evidencia isso.

Outro acontecimento que muito ocorreu para aumentar o prestígio de Miss Anderson foi o mural colocado em sua honra no edifício do Departamento do Interior dos Estados Unidos, ocasião em que o Secretário do Interior Harold Ickes declarou: “A voz e a personalidade de Mirian Anderson são um símbolo da unidade americana”. Miss Anderson foi a primeira cantora negra do mundo a aparecer num recital do Metropolitan Opera House de New York (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 3 de junho de 1949, p. 3).

Além de personalidades internacionais, a coluna também resgatava a trajetória de negros brasileiros que despontaram no estilo clássico. Este recorte musical sugere algumas interpretações: a primeira aponta para uma forma de dizer ao leitor que o negro também era capaz de se destacar no que era entendido como erudito, fato que poderia significar um afrontamento dirigido à sociedade branca; ou poderia significar uma carência dos jornalistas e colaboradores do jornal, de quererem ser enxergados enquanto negros reconhecidos pela elite, capturando o prestígio que era dado à cultura clássica europeia.

A perspectiva educacional do periódico também aparece de forma importante nesta coluna. No texto sobre Miss Anderson, por exemplo, o leitor poderia ter informações sobre o processo de democratização racial nos Estados Unidos e como o negro de lá havia conseguido se inserir nos espaços de destaque. No quarto *Quilombo*, edição em que foi publicada o texto sobre o musicista Padre José Maurício, também na coluna “Negros da Música” o público poderia ter acesso aos registros do período colonial brasileiro, visto que ele havia convivido e tocado para D. João VI. Segundo o jornal, o José Maurício foi o primeiro musicista clássico “mulato” do país.

Mário de Andrade em sua “Pequena História da Música” disse que o Padre José Maurício foi a primeira manifestação cultural do Brasil-Colônia, no tocante à música elevada. Cronológica e artisticamente ele se situa como um dos primeiros musicistas de nossa terra. Viveu entre 1767-1830, carioca, tocava cravo e viola, tendo recebido educação artística no Conservatório de Santa Cruz mantido pelos jesuítas. Desse núcleo saíram bons músicos entre eles o mulato Maurício cujo talento cativou que foi ao extremo de condecorá-lo (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1949, p. 3).

A temática música não ficava restrita à coluna “Negros da Música”. Outro espaço destinado ao tema era o “Escolas de Samba”. Como esta coluna também não era fixa, o ritmo mais popular entre os negros da década de 40 perpassava todo o periódico. A influência do samba na vida dos afro-brasileiros é evidenciada, de maneira controversa, no *Quilombo* de número seis, com uma grande reportagem, que ocupava uma página inteira, assinada pelo jornalista Henrique Pongetti.

Com título “Passeio pelo carnaval carioca”, o texto relatava a tristeza que o fim da Praça da Onze acarretou nas pessoas que costumavam frequentar o local. Além de ser um espaço onde as escolas de samba da cidade faziam seus desfiles de carnaval, apelidada de “Pequena África”, a Praça Onze era considerada o palco do samba e um local genuinamente de integração e memória ancestral de resistência da cultura popular negra. A reportagem ressalta que o luto pelo fim do espaço de socialização e produção artística virou poesia e tornou-se tema de muitas canções. Ao mesmo tempo, o texto apresenta descrições estereotipadas do afro-brasileiro, da ligação do samba com as religiões de matrizes africanas e até mesmo destroe a origem do gênero musical.

O desaparecimento da Praça Onze foi carpido em várias canções carnavalescas e algumas lamentosas como epicédios de cidades mortas. E com tãda razão. Naquele território se reuniam ranchos e cordões vindos de todos os morros e de tãdas as favelas do centro e da zona Norte; cordões e ranchos que nos morros e favelas da zona Sul parecem desprezados, engolidos pela predominância do elemento granfino. [...] “Vão acabar com a Praça Onze” - cantou, choroso, o sambista. E acabaram... Hoje naquele corre uma avenida monstruosamente larga e sem intimidade onde os chõros são sufocados pelas descargas dos ônibus e pelo grito já cotidiano dos atropelamentos. Tanta grandeza assusta o morro com sua micro-cidade, as ruelas grimpendo as perambeiras, as negras de nádegas atléticas, como tanajuras em trilhas, subindo com as latas cheias de água. Mas é uma ilusão pensar que o samba nasce no morro pra viver e morrer na cidade. O samba é cá de baixo: esporadicamente o Rio sobe para recebê-lo. Sinhô foi a exceção. A “bossa” dos compositores que ignoram o alfabeto musical e abastecem as gargantas, e os ouvidos da cidade é um fenômeno da planície (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1950, p. 12. Grifos nossos).

Percebe-se que a reportagem apresenta contradições. A narrativa que reconta um marco na história do samba carioca, utiliza-se de termos pejorativos como “tanajuras” para referir-se às mulheres negras. Ademais, desconsiderar o samba como uma manifestação artística oriunda das favelas do Rio de Janeiro significa um erro histórico e, até mesmo, um

desrespeito com personalidades como Tia Ciata<sup>21</sup>, que no período da pós-abolição fazia de sua casa um local de resistência cultural, no qual era possível cantar samba e praticar o candomblé sem que houvesse repressão policial.

Apesar do *Quilombo* ser predominantemente composto por negros e brancos que abraçavam a causa negra, este não o foi o primeiro episódio de tratamento ao indivíduo negro e também à sua história de maneira desrespeitosa, para os dias atuais. No entanto, é válido analisar este aspecto do jornal, pois sugere que nem todos jornalistas ou colaboradores tinham uma percepção crítica sobre as sutis formas de agressão que a população afro-brasileira sofria e ainda sofre. Na matéria do Henrique Pongetti, especificamente, também apareceu com clareza uma falta de proximidade com o cotidiano dos morros cariocas e dos hábitos dos sambistas, o que evidencia que nem todos que escreviam para o *Quilombo*, declaradamente um jornal da imprensa negra, tinham conhecimento pleno sobre as demandas raciais. No entanto, não se pode esquecer que Pongetti era um homem do seu tempo, com os valores daquela época.

Para falar sobre o cinema, o *Quilombo* desenvolvia a mesma estratégia já empregada na coluna “Negros da Música”. Os textos eram focados na divulgação de atores e atrizes negros que estavam conquistando notoriedade nessa expressão. Então, pouco se falava dos diretores e roteiristas. Logo no *Quilombo* de número um, a coluna “Cinema” exaltava o trabalho de Ruth de Souza, ainda no início da carreira. Seguindo os padrões comuns de uma reportagem feita com atores, o jornalista apresentava a nova personagem de Ruth e relembra com ela seus papéis mais expressivos. Entretanto, o texto não deixava de lamentar o fato da atriz somente ter em seu currículo papéis menores, o que a impedia de mostrar todo o seu talento.

Ruth de Souza é a mais recente e importante aquisição do nosso cinema. A jovem e impressionante atriz do Teatro Experimental do Negro acaba de filmar em duas produções da “Atlântida”: “Falta alguém no manicômio” e “Terra Violenta”, extraída do romance de Jorge Amado “Terras do sem

---

<sup>21</sup> Hilária Batista de Almeida ou Tia Ciata, como ficou conhecida, nasceu na Bahia em 1854. Mãe-de-santo respeitada, Hilária foi confirmada no santo como Ciata de Oxum, no terreiro de João Alabá, na Rua Barão de São Felix, onde também ficava a casa de Dom Obá II e o famoso cortiço Cabeça de Porco. Em sua casa, as festas eram famosas. Sempre celebrava seus orixás, sendo as festas de Cosme e Damião e de Nossa Senhora da Conceição as mais prestigiadas. Mas também promovia festas profanas, nas quais se destacavam as rodas de partido-alto. Era nessas rodas que se dançava o miudinho, uma forma de sambar de pés juntos, na qual Ciata era mestra. Dos seus frequentadores habituais, que incluíam Pixinguinha, Donga, Heitor dos Prazeres, João da Baiana, Sinhô e Mauro de Almeida. A música “Pelo telefone”, gravada em sua casa, foi o primeiro samba registrado, no final de 1916. Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/tiaciata>>. Acesso em: 28 de mai. de 2019.

fim”. Na primeira dessas peculiares, ora em exibição nos cinemas da linha São Luiz, Ruth de Souza desempenha o pequeno papel de “Julia”, a governanta da casa de loucos. Papel inexpressivo, Ruth nada quase tem a fazer, o que lhe tira a possibilidade de revelar seu enorme talento. No entanto, sua passagem na téia é de uma sobriedade natural e digna que nos autoriza a depositar grande confiança em seus futuros desempenhos (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 9 de dezembro 1948, p. 6).

Como é o caso de Ruth de Souza, boa parte dos artistas retratados nesta coluna eram oriundos do Teatro Experimental do Negro. Para além de ser mais ação comum de divulgação do TEN, essa característica mostra que a companhia teatral de Abdias Nascimento era realmente o principal fornecedor de atores e atrizes negros para a dramaturgia brasileira. No cinema brasileiro isso tem um impacto importante, porque oferece uma nova forma de representação do afro-brasileiro, que é a partir dele mesmo, de sua arte e não mais por caricaturas genéricas.

De maneira similar ocorre no *Quilombo* de número três. A coluna retrata o percurso artístico de Grande Otelo, considerado o primeiro e mais completo ator do cinema negro, com passagem pelo TEN. Se na coluna sobre Ruth de Souza, foi questionada a falta de papéis importantes protagonizados por negros, nesta o autor rende elogios à nova criação da produtora Atlântida, que além de Grande Otelo, teria boa parte do elenco com atores “de côr” em personagens principais, no filme intitulado “Também Somos Irmãos”. A película foi tão aclamada pela crítica que no *Quilombo* de número seis, também na coluna “Cinema”, foi publicada a matéria anunciando que Grande Otelo tinha sido eleito o maior ator do ano cinematográfico de 1949, por seu papel nesta produção. Feito revolucionário na história do cinema brasileiro.

Por expressiva maioria, a Associação dos Críticos Cinematográficos e Círculo de Estudos Cinematográficos escolheram Grande Otelo, o grande intérprete negro brasileiro, como o maior ator do ano cinematográfico de 1949, pelo seu admirável trabalho em “Também Somos Irmãos”. Esta película, dirigida por José Carlos Burle, sobre “script” de Alinor Azevedo e produzida pela Atlântida, ventitou pela primeira vez em nosso cinema, e com uma coragem elogiável, o problema do homem de côr do Brasil. Se bem que sem grande profundidade, o exame psicológico de um episódio entre pretos e brancos do diretor Burle, atraiu grande atenção dos estudiosos do assunto (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1950, p. 11).

Impulsionado pela expressividade do prêmio dado a um membro do grupo de atores e atrizes negros do país, o autor da coluna revela aos leitores que nos próximos *Quilombos*



haveria uma série de homenagens ao Olete. “Aproveitamos esta oportunidade para anunciar as queridos leitores que QUILOMBO, num dos seus próximos números dará início à publicação das memórias do intérprete máximo do cinema brasileiro em 1949, para quem o famoso cineasta Alberto Cavalcanti tece palavras do mais alto louvor”<sup>22</sup>. A visível empolgação da direção do jornal em relação ao prêmio recebido por Grande Otelo, sugere mais do que uma notícia para a coluna “Cinema”, mas o resultado de anos de esforço de um grupo, para que os negros pudessem ser reconhecidos pelos seu talento, intelectualidade e maestria nas produções artísticas.

Ainda no sexto *Quilombo*, a coluna “Cinema” apresentava a atriz ugandesa Eseza Makumbi, coadjuvante do filme inglês “Atavismo”. A medida em que a matéria descrevia o enredo da película, também criticava o roteiro que, de acordo com o jornal, ridicularizava as crenças e hábitos africanos para enaltecer o imperialismo inglês. Apesar disso, Eseza Makumbi era uma figura importante para a dramaturgia negra, então era interessante conhecê-la e divulgá-la. Este fato é notório porque na edição de número três, o jornal já havia a escolhido para estampar a contracapa da edição. Makumbi interpretava com uma profundidade pouco vista no cinema brasileiro e isso é explicitado no texto explicativo da foto principal do jornal:

Eseza Makumbi. Nome esquisito para nós, mas não em Uganda, no seio da África, de onde foram buscar diretamente para Londres afim de tomar parte no filme “Atavismo”, a ser em breve apresentado nos cinemas do Brasil. O cinema inglês, com essa produção de J Arthur Rank, vai mostrar que o negro vale não somente em “pontinhas” ou como elemento pitoresco, mas sobretudo em drama profundo e humano, denso de poesia e tragédia. Nossas homenagens à Uganda que deu ao mundo este tipo de rara beleza: Eseza Makunbi, glória comum dos povos de cor. (QUILOMBO. Rio de Janeiro, 3 de junho de 1849)

Percebe-se que a expectativa do autor sobre o filme na coluna “Cinema” do *Quilombo* três não foi correspondida quando o mesmo estreou. Mas, é importante observar que a atuação densa e cheia de poesia, enfatizando o talento artístico do negro por parte de Makumbi, representava o ideal de expressão artística que o *Quilombo* descrevia para os leitores ao longo das suas dez edições.

No periódico, de maneira geral, recontar a história do negro a partir de manifestações artísticas acontecia de forma espontânea. Principalmente nas tradicionais colunas culturais,

---

<sup>22</sup> QUILOMBO. Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1950, p. 11.

nas quais eram retratadas pessoas que respiravam arte e que faziam dela seu sentido de vida, questionando, assim, o que era entendido como o lugar do negro. Talvez, as colunas culturais do *Quilombo* falem mais sobre uma força de subversão da “normalidade” do entendimento do senso comum sobre o que era ser um afro-brasileiro no Brasil de 1940, do que simplesmente divulga produções culturais de entretenimento. A todo momento o Quilombo disputava por uma nova identidade da população negra.

## 5. Considerações finais

A partir da perspectiva artística, o *Quilombo: vida problemas e aspirações do negro* (1948/1950) foi um poderoso instrumento de educação e luta por direitos dos afro-brasileiros. Embora tenha sido criado inicialmente por Abdias Nascimento para ser porta-voz das atividades sociais e produções teatrais do Teatro Experimental do Negro (TEN), ao longo dos seus dois anos de atuação e dez números publicados, as narrativas tomaram novos rumos e agiram de acordo com as necessidades diárias da comunidade negra. Contudo, sempre mantendo a divulgação e o ensinamento artístico como norteador.

É possível afirmar que mais do que um porta-voz, o *Quilombo* foi palco. Ambiente físico onde diversas vozes que lutavam pela emancipação social e cultural do povo preto podiam falar. Guiado por este princípio, que um grande contingente de brancos influentes da época foi colaborador, que mulheres negras puderam apresentar suas demandas, que estudantes questionaram a precariedade educacional para as “pessoas de côr” e que importantes artistas negros puderam exhibir seus trabalhos. Em nenhum momento a “polifonia de vozes” presente no *Quilombo* significou falta de estrutura editorial, pelo contrário, era uma opção por comunicar a partir de múltiplos prismas.

Por mais que o *Quilombo* fosse um jornal combativo, a multirracialidade presente na equipe de jornalistas trouxe contradições discursivas, mas nada que não representasse a sociedade brasileira da década de 1940. O conceito de democracia racial defendido por alguns colaboradores e até mesmo pelo próprio teórico Gilberto Freyre, também era questionado, talvez, despretensiosamente por relatos e posicionamentos de tantos outros jornalistas e leitores negros do jornal. A tentativa de negociação entre a proposta política de sociedade e as experiências cotidianas, fez com que fosse encontrado no *Quilombo* termos pejorativos em relação aos afro-brasileiros, mas que estavam entranhados no discurso naquela época. Ou seja, essas contradições demonstram como era complexa a atitude de resistência consciente, que em nenhum momento pode ser interpretada descolada dos valores vigentes daquela sociedade.

O alcance internacional do periódico ainda o colocou como um meio de integração de diferentes grupos da diáspora africana. O estreito diálogo com intelectuais negros do Estados Unidos, França e alguns países da África, além de divulgar a cultura nacional, contribuiu para que os leitores pudessem ter acesso a uma parcela do mundo através da perspectiva racial. A valorização do saber negro foi posta em pauta numa esfera mundial,

colaborando para a reconstrução da autoestima de um povo que começava a se reconhecer como produtor de intelectualidade qualificada e estimada internacionalmente.

A dedicação do *Quilombo* à restauração da memória, que ficava nítido na coluna “Negros da História”, também contribuiu para a elaboração de uma nova identidade do afro-brasileiro. Ao lançar luz sobre personalidades do passado que já travavam a luta antirracista no Brasil, antes mesmo de o periódico existir, forneceu subsídios para que a comunidade negra brasileira - que lia o jornal - pudesse se orgulhar de sua trajetória e ter inspiração para transformar o futuro. Bem como, incorporar e propagar uma nova função do negro na História do Brasil, não mais ligada à submissão.

Estes aspectos levantados foram embasados nas notas, artigos e reportagens publicados pelo jornal, em diálogo com as cartas dos leitores. Em suma, a pesquisa procurou se ater às origens teatrais do *Quilombo*, para investigar como a cultura transnacional negra perpassou todas as colunas do periódico, desde os problemas, às aspirações e como esta opção narrativa além de denunciar o racismo e as desigualdades, também abriu caminhos para a formação de uma elite intelectual negra que visasse mais do que resistir, mas viver plenamente, de forma lúdica e artística. Portanto, o objetivo de apresentar o jornal *Quilombo* como um veículo da imprensa negra, que atuava para a emancipação cultural e social do negro foi alcançado.

É importante ressaltar que o trabalho não esgota todas as possibilidades deste assunto. Por retratar tantas vozes, o *Quilombo* abre oportunidade para muitas interpretações e abordagens. Temáticas relevantes como o protagonismo de Maria Nascimento, jornalista e integrante da direção do periódico, junto com demais mulheres negras do TEN na luta pelos direitos das domésticas; a inserção do negro na política por meio das campanhas publicadas nas páginas do jornal; e a divulgação do teatro como forma de integração do negro na década de 1950 são algumas possibilidades de futuras pesquisas que tratariam à público mais informações sobre o potencial e o impacto do *Quilombo* para a sociedade brasileira.

Independente do tema, o periódico de Abdias Nascimento cumpre a sua função originária de apresentar a literatura e a arte como possibilidade de vivacidade do afro-brasileiro, que pôde usufruí-las para a luta e para lúdico, simultaneamente.

## 6. Referências bibliográficas

### 6.1. Fonte primária

QUILOMBO: Vida, Problemas e Aspirações do Negro. Edição fac-similar, dirigido por Abdias Nascimento, Rio de Janeiro, nº 1 a 10, dezembro de 1948 a julho de 1950. 2ª edição. Editora 34, 2003.

### 6.2. Fonte secundária

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**; Tradução feita a partir do francês por Maria Emsatina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Marialva. **Escravos e o mundo da comunicação: oralidade, leitura e escrita no século XIX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do estado de São Paulo. “Estudos Afro-Brasileiros”. São Paulo: Perspectiva, 1983.

CUNHA, Vanessa Lima. Quilombo: a voz do Teatro Experimental do Negro (1940-1950). “Revista Cadernos de Clio”. Curitiba, n. 3, p. 283-300, 2012.

CUNHA, Vanessa Lima. As muitas vozes presentes na coluna Arquivo do jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro (1948/1950). IN: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 6., 2013, Maringá. Anais

DOMINGUES, Petrônio. Quilombo (1948-1950): uma polifonia de vozes afro-brasileiras. IN: “Revista Ciências & Letras”. n. 44, p. 261-289, 2008.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950. “Revista Afro-Ásia”. Salvador, v. 29, n. 30, p. 247-269, fev. 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende...[et all]. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

IPEAFRO, 2019. Acervo Digital. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/>>. Acesso em: 12 de jun. 2019.

IPEAFRO, 2019. Personalidades. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/personalidades/>>. Acesso em: 12 de jun. 2019.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 1ª ed. São Paulo: Scritta, 1991.

MUNIZ, Sodré. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias Nascimento: grandes vultos que narraram o Senado**. Brasília: Senado Federal, Coordena o de Edi es Técnicas, 2014.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da cor: identidade, raça e g nero no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

PINTO, Ana Flávia Guimarães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2013.

ROSA, Daniela Roberta Antônio. “Teatro Experimental do Negro: estratégia e a o”. Campinas: UNICAMP, 2007.

XAVIER, Giovana. “‘Fala a mulher’ ou a mulher também pode falar? Maria de Lurdes Vale Nascimento e as articula es entre g nero, raça e classe no jornal o Quilombo (Rio de Janeiro)”. IN: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., 2015, Curitiba. Anais...Curitiba: UFPR, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell.**: Vozes, 1958.

## 7. Apêndice

### 7.1. Apêndice A

**Tabela 1 - Quem são os jornalistas e colaboradores?**<sup>23</sup>

<b>Colaborador</b>	<b>Profissão</b>	<b>Nº de participação no jornal</b>	<b>Origem</b>
Abdias Nascimento	Ator/Escritor	10	SP
Rachel de Queiroz	Escritora/Jornalista	1	CE
Francisco de Assis Barbosa	Jornalista	1	SP
Ironides Rodrigues	Advogado/Jornalista	5	MG
Haroldo Costa	Ator/Escritor/Sambista	1	RJ
Edison Carneiro	Advogado/Jornalista	5	BA
Efrain Tomás Bo	Poeta	2	Argentina
Arthur Ramos	Médico/Antropólogo	2	AL
J. S. Guimarães	-	-	-
Gilberto Freyre	Escritor/Sociólogo	1	PE
Maria Nascimento	Assistente social/Jornalista	8	-
Guerreiro Ramos	Sociólogo/Político	8	BA
Daniel Rops	Historiador/Escritor	1	França
Brasílio Itiberé	-	-	-
João Conceição	Jornalista	4	-
Orígenes Lessa	Jornalista/Contista	1	SP
D'almeida Vitor	Advogado/Escritor/Jornalista	1	BA
George S. Schuyler	Escritor/Jornalista	2	Estados Unidos

<sup>23</sup> Versão detalhada da tabela presente no capítulo 3 - Jornalistas e público: dos produtores aos leitores.

Péricles Leal	Escritor	6	PB
Orestes Barbosa	Jornalista	1	RJ
W. Hardin Hughes	-	1	-
Braga Filho	-	-	-
Hamilton Nogueira	Político	1	RJ
Jean Paul Sartre	Escritor	1	França
Dr Estanislau Fischlowitz	-	1	-
Mauro de Carvalho	-	1	-
Solano Trindade	Poeta	1	PE
Henrique Pongetti	Jornalista	1	MG
Ralph Bunche	Diplomata	1	Estados Unidos
Georges Bataille	Escritor	1	França
Roger Bastide	Sociólogo	1	França
J. Barbosa	-	-	-
Di Cavalcanti	Advogado/Pintor	1	RJ
Nestor R. Oderigo	Músico	1	Estados Unidos
José Brasil	-	-	-
Guiomar Ferreira de Mattos	Atriz	1	-
Murilo Mendes	Telegrafista/Poeta	1	MG
Katherine Dunham	Antropóloga/Bailarina	1	Americana
Renato Almeida	Advogado/Jornalista	1	BA-RJ

Fonte: Acervo digital do IPEAFRO - Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/>>. Acesso em: 25 de abr. de 2019.



## 8. Anexo - Galeria de fotos do Quilombo

### 8.1. Anexo I<sup>25</sup>

### Prêmio Nobel para Bunche

ARDIAS NASCIMENTO

Por o Teatro Experimental do Negro se dirigir ao Ministro Norberto de Azeiteiro o Prêmio Nobel da Paz para o doutor Ralph J. Bunche. O nome ilustra desde então a importância da atuação do brasileiro na vida social, sendo desenvolvido, portanto, a manifestar a justiça e a importância de sua indicação e a sua glória com que o Brasil assiste ao prêmio da qual que a seguiram com amor, entusiasmo e felicidade.

Entre um momento importante da história da Bahia nos relaciona internacionalmente que um vencedor e no mesmo ano se deu o prêmio para o doutor Bunche, a grande autoridade do Conselho Federal Brasileiro, membro do D.A.D. de Terceira Classe. Foi também o pai, a grande glória com a vitória de todos os brasileiros, entre os quais a sua atuação para guerra entre judeus e árabes que, consequentemente, o prêmio da Paz, a honra que o Brasil ganhou do globo por uma vitória de reconhecimento universal.

Ralph Bunche, exerce de fato, uma vida de estudos, trabalho árduo e organizado, para os interesses da Secretaria de Estado do governo norte-americano para a promoção e desenvolvimento da paz e da estabilidade das relações internacionais, tendo desenvolvido grande tarefa e possibilidades que os africanos em geral, comungam, através de suas ideias e doutrinas, a harmonia, a unidade, as novas relações, a paz desce da, entre.

O conflito árabe-judeu constitui-se depois do término da guerra, o maior e mais complexo episódio de paz para o mundo atualizado. O Dr. Ralph J. Bunche é reconhecido por sua competência e grande saber técnico, técnico e sua personalidade, consequentemente, foi mais do que ele, a paz e a Sociedade poderia prosperar em equilíbrio quando periclitou a unidade mundial do Homem que é a obtenção de felicidade para todos os povos e nações.

Alfredo Nobel decidiu em seu testamento que seria concedido um prêmio anual aquele que trabalhasse efetivamente para harmonizar entre os povos. Bunche, Nasser, Arafat, Khatib, Jafar, Haddad, Leif, Cruz, e, sobretudo, o filho morto e herdeiro de sua missão, entre outros, obtiveram esse prêmio glorioso. Por que não justificar, mais o nome de Ralph J. Bunche?

Quando do Comitê Nobel do Brasil do Rio de Janeiro em 1949, honorar o mérito, o pensamento e o esforço fraterno de seu vencedor, a honra de liberdade e da paz que o Brasil sempre ofereceu ao mundo, realizando o verdadeiro da democracia democrática do mundo que se formou em todo o Prêmio Nobel da Paz para o Dr. Ralph J. Bunche.

# Quilombo

vida, problemas e aspirações do negro

Revista de ARDIAS NASCIMENTO

ANO 1 RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1953 Nº 1



**CR\$ 1,50**  
**PARA TODO O BRASIL**

SUMÁRIO:

No centro: "OS NEGROS" de Lima Barreto.  
Colaboram: Guerreiro Ramos — Orestes Barbosa — Pêvilas Leal — João Conceição — Maria Nascimento.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-04/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2019.

8.2. Anexo II<sup>26</sup>

**QUILOMBO**

**PARA FRENTE, TODOS!**

**IMPRESNA NEGRA**

**CINEMA**

8.2. Anexo II<sup>26</sup>

**Exotismo Literário de Paul Morand**

**Exotismo Literário de Paul Morand**

Paul Morand, em sua obra, sempre se interessou por culturas estrangeiras, especialmente a francesa. Sua obra é marcada por um exotismo literário que busca capturar a essência de outras culturas e sociedades. Morand escreve com uma linguagem clara e direta, buscando transmitir a experiência de viver em diferentes partes do mundo. Sua obra é marcada por um exotismo literário que busca capturar a essência de outras culturas e sociedades. Morand escreve com uma linguagem clara e direta, buscando transmitir a experiência de viver em diferentes partes do mundo.



**"MUSICOS" — DE SANTA ROSA**

**REVISTA DE CINEMA**

Revista de cinema que discute filmes recentes, tendências do mercado e críticas de obras importantes. Destaca-se a análise de filmes que abordam temas sociais e culturais relevantes para o momento.

**EVOCÇÃO DO SAMBA**

**BRASILEIRO FERRER**

Evocção do Samba

Este artigo discute a importância do samba na cultura brasileira, explorando suas raízes históricas e seu papel na formação da identidade nacional. Ferrer analisa como o samba se tornou um elemento central da vida social e cultural do Brasil, especialmente em áreas urbanas como o Rio de Janeiro.



**REVISTA DE CINEMA**

Revista de cinema que discute filmes recentes, tendências do mercado e críticas de obras importantes. Destaca-se a análise de filmes que abordam temas sociais e culturais relevantes para o momento.

**REVISTA DE CINEMA**

Revista de cinema que discute filmes recentes, tendências do mercado e críticas de obras importantes. Destaca-se a análise de filmes que abordam temas sociais e culturais relevantes para o momento.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-02/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2019.

QUILOMBO
QUILOMBO

## A CONFERENCIA NACIONAL DO NEGRO

**Como decoraram os trabalhos da importante conferência cultural**

Os trabalhos da Conferência Nacional do Negro decorreram em uma atmosfera de elevado interesse e participação ativa. O Presidente da Conferência, Sr. Paulo Freixo, foi o primeiro a fazer um resumo da situação da comunidade negra no Brasil, abordando questões de educação, trabalho e organização política. Em seguida, vários outros membros da conferência apresentaram relatórios e propostas, sempre recebendo a atenção e o apoio de todos os presentes. O caráter científico e cultural dos trabalhos foi sempre destacado, visando não apenas a conscientização imediata, mas também a formação de bases sólidas para a luta por igualdade e progresso social.

*Brazilian Negroes live in a wonderful country with great resources and boundless opportunities. They have it within their power to attain their goal of full equality in Brazilian civilization by availing themselves of these opportunities through education and organization as Negroes. This cannot be done if they continue to permit themselves to be divided by foolish considerations of skin color and hair texture. In union there is strength, but in division there is destruction. Our world is what we make it, you can make it what you wish.*

Amaro Scheffler  
 May 12, 1949

**UMA SÍNTESE DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO NEGRO**

O Sr. Claudio Barreto, chefe do Departamento Nacional do Negro, apresentou um relatório detalhado sobre o trabalho desenvolvido pelo órgão desde sua criação. Ele destacou a importância de fortalecer a unidade da comunidade negra e de promover ações conjuntas em prol da igualdade racial. O relatório abordou questões como a educação profissional, a melhoria das condições de trabalho e a participação política da população negra. Barreto enfatizou que o Departamento Nacional do Negro atua como uma ponte entre a comunidade e o poder público, buscando sempre o melhor para o povo negro brasileiro.

**INSCRIÇÕES**

Na noite de 12 de Maio, em uma sessão solene, foram feitas as inscrições para a Conferência Nacional do Negro. O evento contou com a presença de representantes de diversas entidades e instituições, bem como de membros da imprensa e da comunidade em geral. O Sr. Amaro Scheffler, em nome do Departamento Nacional do Negro, recebeu as inscrições com muita honra e satisfação. Ele agradeceu a todos os que se comprometeram com a causa da igualdade racial e prometeu o melhor para a realização dos trabalhos da conferência. A atmosfera foi muito animada e repleta de esperança por um futuro mais justo e igualitário para todos os brasileiros.

**ABERTURA**

Na noite de 13 de Maio, em uma sessão solene, foi realizada a abertura oficial da Conferência Nacional do Negro. O evento contou com a presença de autoridades locais, nacionais e internacionais, bem como de milhares de pessoas da comunidade negra. O Sr. Amaro Scheffler, em nome do Departamento Nacional do Negro, fez um discurso emocionante, destacando a importância histórica da conferência e o compromisso de todos os presentes com a luta por igualdade racial. O discurso foi muito aplaudido e gerou uma grande sensação de união e propósito entre os presentes. A conferência promete ser um momento decisivo na história da comunidade negra brasileira.

**DISCURSO DO SR. PAUL VANDORN SHAW**

Um dos momentos mais importantes da conferência foi o discurso proferido pelo Sr. Paul Vandorn Shaw, representante do Departamento Nacional do Negro. O Sr. Shaw abordou questões fundamentais da luta pela igualdade racial no Brasil, destacando a importância da educação e da organização da comunidade negra. Ele afirmou que a igualdade racial não é apenas um direito, mas também uma necessidade para o desenvolvimento do Brasil como um todo. Seu discurso foi muito aplaudido e gerou uma grande sensação de união e propósito entre os presentes. A conferência promete ser um momento decisivo na história da comunidade negra brasileira.

**MENSAGEM AOS NEGROS BRASILEIROS**

O negro brasileiro vive em um país maravilhoso, mas precisa lutar por sua plena realização. Ele possui talentos e habilidades que são muitas vezes desperdiçados. Em união, ele pode alcançar o que deseja. A luta é longa, mas vale a pena. Não permita que o preconceito defina seu destino. Lute por sua dignidade e por um futuro melhor para todos os brasileiros.

**PARTICIPAÇÃO NA INAUGURAÇÃO DO CINELIBRO**

Um momento cultural importante ocorreu durante a conferência com a inauguração do Cinelibro. O evento contou com a presença de artistas e membros da comunidade, que se reuniram para discutir a importância da cultura negra na formação da identidade nacional. A participação foi muito animada e repleta de sugestões para a promoção de mais obras de arte e cultura negra. A conferência promete ser um momento decisivo na história da comunidade negra brasileira.

**DECLARAÇÃO DE AMARO SCHEFFLER**

Como resultado da Conferência Nacional do Negro, foi aprovada uma declaração que estabelece diretrizes para a luta pela igualdade racial no Brasil. A declaração aborda questões fundamentais como a educação, o trabalho e a organização política da comunidade negra. Ela afirma que a igualdade racial é um direito inalienável e que todos os brasileiros devem lutar por ela. A declaração será enviada ao Poder Executivo e Legislativo para que sejam tomadas as devidas providências. A conferência promete ser um momento decisivo na história da comunidade negra brasileira.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://ipeafv.org.br/acervo-digital leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-03/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2019.

# Quilombo

*vida, problemas e aspirações do negro*

— Direção de ARDIAS NASCIMENTO —

ANO II RIO DE JANEIRO, JUNHO-JULHO DE 1956 N.º 10



**Colaboram:** Murilo Mendes — Gilberto Freyre — Renata de Almeida — Guerreiro Ramos — Guiomar Ferreira — Carlos Drummond de Andrade — Pericles Leal.

**"O ESTADO DOS CULTOS ENTRE OS POVOS DESERDADOS"**  
 (Conferência de KATHERINE DUNHAM)

**INAUGURANDO**

**O CONGRESSO DO NEGRO**

**ARDIAS NASCIMENTO**

*Este 1.º Congresso do Negro Brasileiro, promovido pelo Teatro Experimental do Negro, e que tem como objetivo principal a discussão dos problemas do negro no Brasil, é o primeiro de sua espécie no Brasil. Por isso, além de ser um momento de reflexão e de troca de experiências, é também um momento de luta e de organização. O Congresso do Negro Brasileiro, além de ser um momento de reflexão e de troca de experiências, é também um momento de luta e de organização. O Congresso do Negro Brasileiro, além de ser um momento de reflexão e de troca de experiências, é também um momento de luta e de organização.*

**CR\$ 3,00**

**PARA TODO O BRASIL**

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-10/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2019.

# CINEMA E ARTISTAS NEGROS



Novos Palatinos. Grande foto: o Artista Paulo Roberto e o Ator Paulo Roberto. Pequena foto: o Ator Paulo Roberto e o Ator Paulo Roberto.

A APRESENTAÇÃO DO CINEMA negro em Quilombo, apesar de não ter sido uma verdadeira revolução, tem sido um passo importante na luta pela igualdade racial. O cinema negro, ao contrário do que se pensa, não é apenas um gênero, mas uma forma de expressão cultural que reflete a realidade dos negros brasileiros.

Um dos nomes mais importantes do cinema negro brasileiro é o ator Paulo Roberto. Ele começou a atuar no teatro e depois se mudou para o cinema. Sua atuação em "O Negro e o Branco" foi um marco na carreira dele. Ele também atuou em "O Negro e o Negro" e "O Negro e o Negro".

Outro ator importante é o ator Paulo Roberto. Ele também atuou em "O Negro e o Branco" e "O Negro e o Negro".

Um dos nomes mais importantes do cinema negro brasileiro é o ator Paulo Roberto. Ele começou a atuar no teatro e depois se mudou para o cinema. Sua atuação em "O Negro e o Branco" foi um marco na carreira dele. Ele também atuou em "O Negro e o Negro" e "O Negro e o Negro".

Outro ator importante é o ator Paulo Roberto. Ele também atuou em "O Negro e o Branco" e "O Negro e o Negro".



"Cervo Pastora" (Mais presença de Elton de King Vitor, com Rosângela).

Um dos nomes mais importantes do cinema negro brasileiro é o ator Paulo Roberto. Ele começou a atuar no teatro e depois se mudou para o cinema. Sua atuação em "O Negro e o Branco" foi um marco na carreira dele. Ele também atuou em "O Negro e o Negro" e "O Negro e o Negro".

Outro ator importante é o ator Paulo Roberto. Ele também atuou em "O Negro e o Branco" e "O Negro e o Negro".

Um dos nomes mais importantes do cinema negro brasileiro é o ator Paulo Roberto. Ele começou a atuar no teatro e depois se mudou para o cinema. Sua atuação em "O Negro e o Branco" foi um marco na carreira dele. Ele também atuou em "O Negro e o Negro" e "O Negro e o Negro".

Outro ator importante é o ator Paulo Roberto. Ele também atuou em "O Negro e o Branco" e "O Negro e o Negro".

Um dos nomes mais importantes do cinema negro brasileiro é o ator Paulo Roberto. Ele começou a atuar no teatro e depois se mudou para o cinema. Sua atuação em "O Negro e o Branco" foi um marco na carreira dele. Ele também atuou em "O Negro e o Negro" e "O Negro e o Negro".

Outro ator importante é o ator Paulo Roberto. Ele também atuou em "O Negro e o Branco" e "O Negro e o Negro".

Um dos nomes mais importantes do cinema negro brasileiro é o ator Paulo Roberto. Ele começou a atuar no teatro e depois se mudou para o cinema. Sua atuação em "O Negro e o Branco" foi um marco na carreira dele. Ele também atuou em "O Negro e o Negro" e "O Negro e o Negro".

Outro ator importante é o ator Paulo Roberto. Ele também atuou em "O Negro e o Branco" e "O Negro e o Negro".

Um dos nomes mais importantes do cinema negro brasileiro é o ator Paulo Roberto. Ele começou a atuar no teatro e depois se mudou para o cinema. Sua atuação em "O Negro e o Branco" foi um marco na carreira dele. Ele também atuou em "O Negro e o Negro" e "O Negro e o Negro".

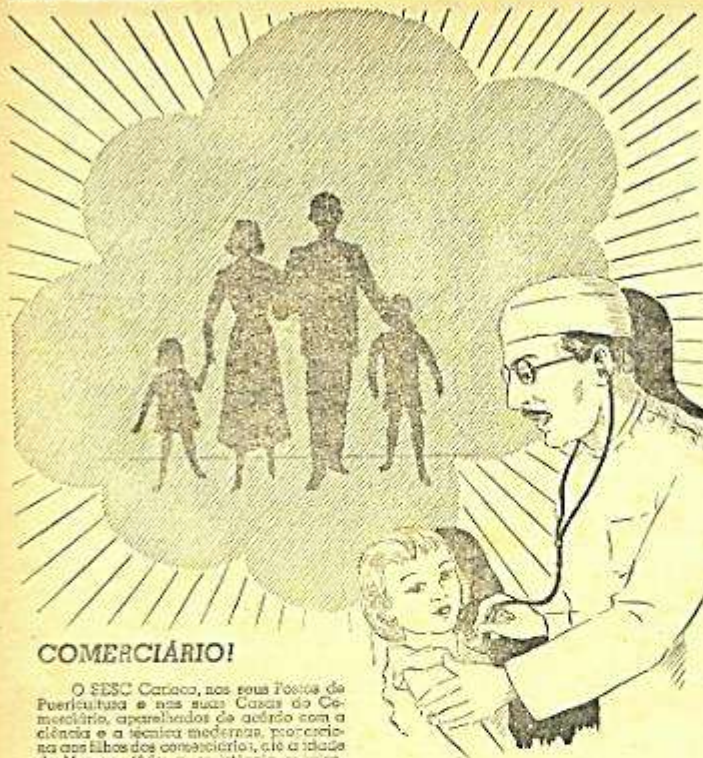
Outro ator importante é o ator Paulo Roberto. Ele também atuou em "O Negro e o Branco" e "O Negro e o Negro".

Um dos nomes mais importantes do cinema negro brasileiro é o ator Paulo Roberto. Ele começou a atuar no teatro e depois se mudou para o cinema. Sua atuação em "O Negro e o Branco" foi um marco na carreira dele. Ele também atuou em "O Negro e o Negro" e "O Negro e o Negro".

Outro ator importante é o ator Paulo Roberto. Ele também atuou em "O Negro e o Branco" e "O Negro e o Negro".

Um dos nomes mais importantes do cinema negro brasileiro é o ator Paulo Roberto. Ele começou a atuar no teatro e depois se mudou para o cinema. Sua atuação em "O Negro e o Branco" foi um marco na carreira dele. Ele também atuou em "O Negro e o Negro" e "O Negro e o Negro".

Outro ator importante é o ator Paulo Roberto. Ele também atuou em "O Negro e o Branco" e "O Negro e o Negro".



**COMERCIÁRIO!**

O SESC Cataguás, nos seus Postos de Puericultura e nos suas Casas de Comércio, aparelhados de acordo com a ciência e a técnica modernas, proporciona aos filhos dos comerciários, até a idade de 14 anos, toda a assistência médico-social de que necessitam.

Meticulosando teu filho no SESC estará cuidando de um bem inestimável - a saúde - da qual depende principalmente a eficiência, na coexistência, do homem de amanhã.

E não te esqueças:  
O Sesc nada te custa: teu empregador e mamãem em teu benefício e ao de tua família.

**SESC**

**ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO DISTRITO FEDERAL**

**Rádio - Eletricidade Santa Terezinha**  
CONCERTOS DE RÁDIOS E DE APARELHOS ELÉTRICOS  
**HAMILTON MARQUES**  
Venda de Rádios, Discos Nacionais e Estrangeiros, Agulhas, Aparelhos e Material Elétrico em Geral  
RUA MAJOR ÁVILA N. 95  
Tel. 49-8864 — TIJUCA

CONSERVE SUA ROUPA LAVANDO NA  
TINTURARIA SANTA RITA  
**RAPIDEZ PERFEIÇÃO**  
Maracanã  
RUA VISCONDE ITAMARATI, 10-A — Tel.: 28-8837

**O RACISMO ANTE O PARLAMENTO — Fala em nome de P. T. B. o Deputado Barreto Pinto**

Também na Câmara dos Deputados, na sessão de 21 de fevereiro, espelhou o racismo típico de Manoelito de Barros. O deputado Barreto Pinto, em seu nome e no da bancada de P. T. B., manifestou-se da seguinte forma:

O SR. BARRETO PINTO — Senhor Presidente, que a palavra não cala.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre Deputado.

O SR. BARRETO PINTO (P. T. B.) — Sr. Presidente, aqui informado de que hoje, no Senado e no Congresso Nacional do Distrito Federal, Dr. Hamilton Marques, professor e muito justicialeiro, como é um ministro do Poder do Distrito Federal, que por intermédio de comissões, impede a entrada de cidadãos pernambucanos no Brasil Experimental do Negro, passou que tinham sido enviados para um baile que se realizou no Hotel Uffers.

O Sr. Pedro Ferraz — É a demonstração americana que está trazendo a Brasil? Demonstrei, Sr. Deputado, a força!

O SR. BARRETO PINTO — Como Sr. V. Exp. Sr. Presidente, eu e meus colegas que é a demonstração americana que está impedindo que seja em impedir a entrada de elementos do Teatro Experimental do Negro no baile para o qual foram convidados.

O Sr. Cabana Paranhos — Permissão V. Exp., mas que tem com isso a Pátria?

O SR. BARRETO PINTO — De fato, a Pátria nada tem com isso. Foi ela, contudo, que impediu a entrada daqueles elementos, como também impediu que a figura de Sr. Getúlio Vargas possa entrar nas repartições, nas repartições, e que era por intermédio do Serviço de Diversões públicas, alegando que não se pode fazer a propaganda de qualquer caráter.

O Sr. Benício Facchini — É a moda de hoje.

O SR. BARRETO PINTO — Senhor Presidente, não posso deixar de convogar meus vereadores pernambucanos, o que farei, também, já agora em nome do Partido Trabalhista Brasileiro, contra o que intermédio da Polícia impediu a entrada de membros do Teatro Experimental do Negro.

O SR. PRESIDENTE — Assenta, está findo o tempo de V. Exp.

O SR. BARRETO PINTO — Senhor Possessor V. Exp., quando foi convocado, e assim em Maná, disse, no momento, está tudo branco, preto, poço e amarelo.

Fica, Sr. Presidente, manifestando o meu protesto. Muito obrigado, Sr. Presidente.

<sup>30</sup>Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-02/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2019.